

**ELIANE DE MATOS**

**COMUNIDADE SÃO BENEDITO, CAMPO GRANDE/MS:  
PATRIMÔNIO CULTURAL, TURISMO E  
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
-MESTRADO ACADÊMICO-  
CAMPO GRANDE – MS  
2004**

**ELIANE DE MATOS**

**COMUNIDADE SÃO BENEDITO, CAMPO GRANDE/MS:  
PATRIMÔNIO CULTURAL, TURISMO E  
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado acadêmico, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob orientação da Profª. Drª Emilia Mariko Kashimoto.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
-MESTRADO ACADÊMICO-  
CAMPO GRANDE – MS  
2004**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora - Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Emília Mariko Kashimoto  
Universidade Católica Dom Bosco

---

Prof. Dr. Gilson Rodolfo Martins  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Augusta de Castilho  
Universidade Católica Dom Bosco

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta pesquisa a Nathália dos Santos e Matos,  
minha sobrinha, a quem devo o melhor dos  
incentivos em tudo o que realizo.

## AGRADECIMENTOS

Temo cometer alguma injustiça, esquecendo nomes de todos que, de alguma forma, contribuíram para realização desta dissertação. No entanto, faço aqui alguns agradecimentos especiais a (aos)

Deus pela oportunidade da vida cheia de alegrias, certezas, saúde, perseverança e fé. Iluminando meu caminho nos momentos difíceis pelo que vivi no decorrer desta pesquisa.

Meu pai Matos e minha mãe Olga que me deram condições do estudo e pelo incentivo no momento difícil que passei para elaboração da pesquisa. Meus irmãos Josan e Carlos César, pelos auxílios e incentivos nos muitos dias de estudo.

Emília Mariko Kashimoto pela prestimosa orientação, pela amizade, pelo carinho pela paciência, pela alegria, com que auxiliou e supervisionou a dissertação, sempre com correções necessárias e precisas para a elaboração de um trabalho digno de ser apresentado e defendido. Meu especial agradecimento.

Anelize Martins, Daniela Vieira Cação e Waldir de Oliveira Rocha. A primeira agradeço pela amizade, pelo carinho e pelos muitos textos emprestados que foram de muita valia, a segunda me incentivou sempre com palavras precisas de encorajamento em momentos de tristezas e angústias que passei no período de término da dissertação, e o último me ajudou no momento de incerteza com a tabulação dos resultados obtidos. Aos demais colegas de curso são gratos os momentos vividos nestes dois anos de estudos e trocas de conhecimentos com cada um.

Maria Augusta de Castilho, sua voz meiga e sensata, sempre precisa nos momentos de orientação as incertezas surgidas no decorrer dos estudos.

Ariane de Lima Zarate e Liliane Valverde Nogueira, pessoas ímpares, sempre sorridentes, prestativas, generosas e prontas a ajudar. Agradeço a vocês duas pelos momentos em que precisei e fui prontamente atendida e auxiliada. Obrigada.

Todas as pessoas que auxiliaram fornecendo dados para o desenvolvimento e enriquecimento desta dissertação.

Todos!

## RESUMO

Os homens em comunidade em seu território constroem ao longo de sua própria história sentimentos que são compartilhados e apropriados por cada membro deste grupo. Ao compartilhar emoções e vivências ocorre a manifestação cultural deste grupo onde cultura pode ser interpretada também como o modo de pensamento, de agir, de vestir, de expressão de determinado grupo humano, em suas relações intra e intergrupais. Esta pesquisa analisa a comunidade São Benedito, uma comunidade formada através da vinda de uma negra, de nome Eva Maria de Jesus, da cidade de Mineiros/GO, para se estabelecer na cidade de Campo Grande/MS, por volta de 1904. Cumprindo uma promessa, construiu a igrejinha de São Benedito. A fundadora desta comunidade morreu em 1926 e antes de morrer pediu a seus descendentes que não deixassem de rezar ao seu santo. E essa promessa continua a ser cumprida pelos seus descendentes até hoje. A igreja é tombada em nível estadual e municipal. De 1998, quando foi realizada uma primeira pesquisa na comunidade, esta localizada no bairro São Francisco, neste município, até o ano de 2003, algumas mudanças ocorreram. Tais como, a pavimentação de sua rua principal, a construção de uma escola e creche, reforma do salão da associação dos descendentes e lombada eletrônica. A presente pesquisa abrangeu a realização de entrevistas em que se buscou analisar se o desenvolvimento ocorrido se deu a partir da identidade de valores culturais relativos a sua religiosidade, tentando relacionar turismo cultural e perspectiva de desenvolvimento local a partir do conhecimento das manifestações culturais existentes. Os moradores da comunidade observaram como positivas as mudanças materiais ocorridas, porém que ainda se faz necessária mais união entre seus membros para que, juntos, possam firmar a identidade afro-brasileira, segundo palavras de muitos entrevistados. Os dados apontados em decorrência da pesquisa mostram que a maioria dos entrevistados soube apontar fatos relativos à chegada de Tia Eva em Campo Grande, vêem a Igreja de São Benedito como testemunho da história do local; entendem patrimônio histórico como sendo uma herança cultural, e que essa Igreja é prova ao turista que chega na localidade. No entanto, sabem que para que o turismo ocorra de modo organizado e estruturado, precisam estar preparados e aprimorados com os traços culturais afro definidos enquanto identidade do grupo. A comunidade observou que espera que o turismo divulgue sua história, valorizando-os perante toda a sociedade e o presente trabalho analisa esse entendimento sob a perspectiva do turismo cultural voltado para o desenvolvimento local.

Palavras-chave: patrimônio cultural, turismo e desenvolvimento local.

## ABSTRACT

The men in community in their territory build along their own history feelings that are shared and appropriate for each member of this group. When sharing emotions and existences it happens the cultural manifestation of this group where culture can also be interpreted as a way of thinking, of acting, of dressing, of expression of certain human group, in their relationships in the group. This research analyzes the São Benedito community, a community formed through a black woman's arrival, called Eva Maria de Jesus, from the city of Mineiros/GO, to establish in Campo Grande/MS city, about 1904. Accomplishing a promise, she built São Benedito's chapel. This community benefactor died in 1926 and before dying, she has asked her descendants not to stop praying her saint. And that promise continues to be accomplished by their descendants until today. The church is tumbled in state and municipal level. From 1998, when a first research was accomplished in this community, located in San Francisco neighborhood, in this district, until 2003, some changes have happened such as, the paving of its main street, the construction of a school and day care, reforms of the living room of the descendants' association and electronic ramp. This present research provides the accomplishment of interviews to analyze if its development began from the identity of relative cultural values from its religiosity, trying to relate cultural tourism and perspective of local development starting from the knowledge of the existent cultural manifestations. The community's residents observed as positive the occurred material changes, however that it is still necessary more union among their members so that, together, they can firm the Afro-Brazilian identity, according to words of many interviewees. The pointed data due to the research show that most of the interviewees knew how to point facts about Tia Eva's arrival in Campo Grande, they see São Benedito's Church as testimony of the history of the place; they understand historical patrimony as being a cultural inheritance, and that the Church is proven sample to the tourist that arrives at the place. However, they know that for the tourism happens in an organized and structured way, they need to be prepared and improved with their afro cultural values. It was observed that the community hopes the tourism publishes its history, valuing them in front of the whole society and the present work analyzes that understanding under the perspective of the cultural tourism returned for the local development.

Key words: cultural patrimony, tourism and local development.

## **LISTA DE FOTOS**

FOTO 01- Construção da Escola Estadual Antônio Delfino Pereira no ano de 1998.....	21
FOTO 02 - Rua Eva Maria de Jesus (principal) sem asfalto no ano de 1998.....	21
FOTO 03 - Tio Adão, companheiro de Tia Eva.....	26
FOTO 04 - Imagem esculpida em madeira de São Benedito.....	27
FOTO 05 - Cruz que demarca o primeiro túmulo de Tia Eva.....	34
FOTO 06 - Busto em homenagem a Tia Eva.....	35
FOTO 07 - Igreja de São Benedito. ....	67
FOTO 08 - Rua Eva Maria de Jesus (principal) asfaltada.....	69
FOTO 09 - Escola Estadual Antônio Delfino Pereira concluída. ....	71

## **LISTA DE FIGURA**

Figura 01 - Certidão de óbito de Eva Maria de Jesus.....33

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01- Faixa etária dos moradores entrevistados.....	61
Tabela 02 - Tempo de residência na comunidade.....	62
Tabela 03 - Naturalidade dos moradores.....	62
Tabela 04 - Descendentes de Tia Eva.....	63
Tabela 05 - Grau de parentesco.....	64
Tabela 06 - Gênero dos moradores.....	64
Tabela 07- Profissão/ocupação.....	65
Tabela 08 - O morador se intitula.....	65
Tabela 09 - Grau de escolaridade .....	66
Tabela 10 - Renda bruta mensal do morador da comunidade.....	66
Tabela 11 - Testemunho marcante da história.....	67
Tabela 12 - Aspectos da história da comunidade.....	68
Tabela 13 - Entendimento a respeito de patrimônio cultural.....	69
Tabela 14 - Avaliação do morador a respeito das mudanças ocorridas entre 1998 e 2003.....	70
Tabela 15 - Desenvolvimento na comunidade.....	71
Tabela 16 - O que o morador espera de mudança para o futuro.....	72
Tabela 17 - O que a comunidade tem a mostrar ao turista.....	72
Tabela 18 - O que espera do turismo Tabela .....	73
Tabela 19 - Alimentação diária do morador da comunidade.....	73
Tabela 20 - Meio de transporte que o morador utiliza.....	74

## **LISTA DE ANEXOS**

Anexo A - Planta demonstrativa da comunidade São Benedito

Anexo B - Documento Usucapião

Anexo C - Título de cidadã campo-grandense

Anexo D - Lei nº 3.523, de 15 de junho de 1998

Anexo E - Resolução/SECE de 07 de maio de 1998

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I - PROCEDIMENTOS E PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA COMUNIDADE SÃO BENEDITO.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO II - COMUNIDADE SÃO BENEDITO - SUA HISTÓRIA EM CAMPO GRANDE .....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO III - PATRIMÔNIO E TURISMO CULTURAL .....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO IV - COMUNIDADE SÃO BENEDITO HOJE: RELIGIOSIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL .....</b>	<b>60</b>
4.1 ENTREVISTA COMUNIDADE SÃO BENEDITO.....	61
4.2. ENTREVISTA COM REPRESENTANTES DO TURISMO, CULTURA E IPHAN. .	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE(S) .....</b>	<b>87</b>
1.Questionário utilizado na pesquisa de campo com moradores.....	87
2.Questionário aplicado aos segmentos da Cultura, Turismo e IPHAN.....	90
<b>ANEXO(S) .....</b>	<b>91</b>

## INTRODUÇÃO

Em meados do século XX a conceituação de patrimônio cultural que, antes se aprimorava apenas aos bens materiais, incorpora os bens imateriais. Os edifícios na concepção da cidade passam a ter valor não só material como imaterial ao apontar elementos de temporalidade.

Esta pesquisa analisa a comunidade São Benedito, fundada por Tia Eva. A igreja, por ela concebida, constitui-se numa das referências de memória local. O valor dessa obra origina-se, portanto, na história da comunidade negra, aqui observada.

Por meio de análises e pesquisas documentais, relatos orais de pessoas conhecedoras da história da comunidade e observações *in loco*, buscou-se um diagnóstico relativo à comunidade enquanto portadora de patrimônio cultural referenciado pela sua religiosidade.

No primeiro capítulo sintetiza-se a pesquisa, o referencial teórico e a metodologia operacional adotada.

No segundo capítulo apresenta-se a história da comunidade São Benedito em Campo Grande, de acordo com relatos e leituras obtidos durante a pesquisa. Conforme os depoimentos tem-se a história desta comunidade retratada desde a chegada de Tia Eva até os dias atuais, analisando conceitos e definições de espaço, lugar, território e identidade.

No terceiro capítulo discute-se definições e conceitos sobre patrimônio cultural e turismo cultural, no intuito de analisar os valores e o conhecimento que a comunidade possui acerca dessa perspectiva.

No quarto capítulo apresenta-se o resultado da pesquisa realizada junto aos 105 moradores, abrangendo 68 das 72 residências existentes na comunidade São Benedito, bem como os resultados das entrevistas junto aos representantes do IPHAN, FUNCESP e Departamento de Turismo do Município de Campo Grande. Analisa-se a perspectiva de desenvolvimento local, a partir dos resultados obtidos, enfocando-se o entendimento dos moradores e órgãos competentes em relação ao patrimônio e turismo. Dessa forma, objetiva-se verificar as perspectivas de desenvolvimento local nessa comunidade.

## **CAPÍTULO I**

### **PROCEDIMENTOS E PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA COMUNIDADE SÃO BENEDITO**

A história é a identidade de um povo é a maneira de se conservar viva na memória de todos. Dessa forma, destaca-se a necessidade de se manterem preservadas as mais diversas formas de manifestações da cultura.

Essa conscientização deveria acontecer antes da destruição, comum no Brasil, pois um povo sem referências culturais é um povo sem história. A partir dessa afirmação propôs-se analisar a presente pesquisa da comunidade São Benedito – localidade que integra a cidade de Campo Grande.

A questão norteadora foi pautada na verificação se o desenvolvimento na comunidade São Benedito, em Campo Grande (MS), se deu a partir da identidade de valores culturais relativos a sua religiosidade, relacionando o turismo cultural e perspectivas de desenvolvimento local a partir do conhecimento das manifestações culturais.

Entretanto, a análise de contextos que apontem a existência de valores, onde haja uma linha unindo aspectos culturais, potencialidades, patrimônio cultural, ambiente construído, comunidade e turismo requer uma base conceitual elucidada em autores consagrados com os temas em questão.

Vale ressaltar a dinâmica de um lugar para construir sua identidade, onde a memória é seletiva e esta condicionada ao tempo, é um eixo de atribuições que articula aspectos da realidade, dando lhes uma lógica, onde nela tem-se a construção da identidade cultural (ZANONI, 2000).

De acordo com relatos orais obtidos durante a pesquisa<sup>1</sup>, tanto com familiares quanto com pessoas conhecedoras da história da comunidade, tem-se que a origem da

---

<sup>1</sup> Os relatos orais estão gravados em fitas cassetes e estão em poder da pesquisadora.

comunidade São Benedito remete a Mineiros/Goiás onde nasceu, em 1847, uma negra e ex-escrava: seu nome era Eva Maria de Jesus Vida, popularmente conhecida como Tia Eva.

A ex-escrava foi acometida por uma chaga na perna direita e não havendo possibilidade de cura, fez a promessa de que, se curada ao chegar a Mato Grosso<sup>2</sup>, construiria uma capela em louvor a São Benedito, o santo protetor dos negros. Nessa capela, essa devota celebraria a novena em maio, mês do santo, pelo resto de sua vida, assim como os seus descendentes perpetuariam seu desejo.

Contudo, é necessário relatar que a importância histórica deste fato retrata a resistência do tempo de uma promessa, como documento histórico de toda uma geração. Geração que tem histórias a relatar sobre a vida de Tia Eva.

A comunidade de São Benedito é formada em sua maioria por descendentes de Tia Eva, hoje considerada principal comunidade de pessoas negras de Campo Grande.

A chegada da comitiva de Tia Eva data de 1905, e “chegando por aqui, Eva tratou de erguer um ranchinho, lá pelas bandas do Cascudo e, no mesmo lugar, fincou esteio para levantar a prometida capela”, (CONTAR, 2002, p. 56).

A construção da capela foi concluída em 1919. Seus construtores são anônimos. Existem relatos orais observando que essa pequena igreja de São Benedito foi uma das primeiras a serem construídas em Campo Grande. Antes da construção dessa capela, as orações eram realizadas sob a sombra de árvores.

A Igreja de Tia Eva foi reconhecida pelo Poder Público, como parte do “Patrimônio Público Estadual e Municipal” tornando-se, assim, a primeira construção com essas características religiosas a ser tombada em Mato Grosso do Sul.

Atualmente, essa festa se mantém através de devotos e familiares que não deixam a tradição se perder mesmo diante de inúmeras dificuldades financeiras. O legado deixado por Tia Eva vem sendo passado ao longo das gerações, ocorrendo algumas vezes mudanças ou adiantamento na data, contudo sempre se celebrando o ritual e as festas.

Tia Eva faleceu em 11 de novembro de 1926; a causa de sua morte é questionada, face à ausência de médicos para a elaboração de diagnóstico preciso. Em seu leito de morte, a devota pediu a seus parentes que jamais deixassem de fazer a novena.

---

<sup>2</sup> Cabe ressaltar em que compreendia Mato Grosso naquele período histórico e Congro (2003, p. 23) observa que “em 1872, a quase deserta região meridional da então província de Mato Grosso compreendia, apenas na vastidão dos seus trezentos mil quilômetros quadrados, aproximadamente, as vilas de Miranda, [...] e Santana de Paranaíba, além das povoações de Nioaque e Coxim”.

A inter-relação entre cultura e turismo é complexa. Em muitas situações, a indústria do turismo pode se relacionar com a indústria cultural em termos sócio-econômicos, defrontando-se com os impactos diretos e indiretos por ela gerada.

A história de Tia Eva poderia ser lembrada continuamente e não apenas na época dos festejos; interligando sua história com a história de Campo Grande, mostrando “a importância da comunidade negra do bairro de São Francisco no passado da cidade e na sua atualidade; que dê espaço, enfim, para que esta comunidade fale, e falando, resgate sua memória que é também memória de Campo Grande” (Vozes dos Palmares, 1986).

A história dessa comunidade destaca a religião como um dos aspectos culturais de grande relevância para a referência do passado local, ao mesmo tempo em que mantém vivo a continuidade de cumprimento de uma promessa de Tia Eva.

O turismo necessita evoluir de modo consciente, com atuação governamental e da população, pois ambos devem buscar o turismo ordenado e desenvolvido de modo sustentável, onde população e visitantes sejam parceiros no tocante a oportunidades de geração de renda e empregos, contemplação, preservação e conservação, e respeito às limitações do meio ambiente construído.

O turismo nos dias atuais não pode ser interpretado como economia de segundo plano, pois, é uma das atividades em expansão no mundo.

Acompanhando a evolução da indústria do turismo, Mato Grosso do Sul com suas grandes riquezas naturais e culturais vêm encontrar nesta atividade novas oportunidades econômicas.

Em Mato Grosso do Sul existem muitas comunidades organizadas, dentre elas a comunidade de pessoas negras de São Benedito que procura preservar sua cultura, suas tradições e sua fé, desenvolvendo traços culturais tido como manifestações de uma cultura afro-brasileira.

Para que aconteça o fenômeno do turismo de modo ordenado nesta comunidade de São Benedito, que preserva sua identidade religiosa, é preciso que se considere a população local. Bacal & Miranda (1997) atestam que “o desenvolvimento do turismo afeta a demografia em dois sentidos: a) aumento da densidade demográfica; b) seletividade da oferta de trabalho”; ao mesmo tempo observam que “para não criar hostilidade e rejeição ao turismo pela população é preciso que se tomem providências quanto à conservação e melhora da qualidade de vida da população residente”.

O desenvolvimento não pode ser somente entendido como o econômico. Segundo Souza (1997, p. 18), o termo desenvolvimento “deve designar um processo de superação de

problemas sociais, em cujo âmbito uma sociedade se torna, para seus membros, mais justa e legítima”.

Buarque (1998, p. 09) analisa que o “desenvolvimento local é um processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a melhora da qualidade de vida da população”.

O desenvolvimento local visa se direcionar de maneira sensata, com base nas referências da comunidade, quando se estiver levantando alternativas de soluções para os problemas locais, ou seja, necessita inspirar e orientar a todos para preservação e melhoria do ambiente construído, onde o homem deveria reconhecer e reordenar suas potencialidades para o desenvolvimento endógeno.

Portanto o desenvolvimento local se caracteriza por incorporar as dimensões sócio-econômicas, política, cultural e histórica, devendo considerar as condições e estágios de cada local sob uma perspectiva histórica, capacitando a população ao pleno exercício da cidadania, através de uma base conceitual abrangente, técnica e culturalmente capaz de permitir a superação dos obstáculos à utilização sustentável do ambiente.

Toda comunidade tem sua história e seu local e lugar. Ao conceito de lugar, cabe citar Albagli (1999), “lugar, entretanto, não deve ser compreendido apenas como o espaço onde se realizam as práticas diárias, mas também como aquele no qual se situam as transformações e a reprodução das relações sociais de longo prazo. Complementa colocando que é no lugar que também se realizam a história”.

A partir de seu histórico, percebe-se que a comunidade São Benedito possui uma identidade ligada à sua religiosidade. Várias pessoas, no decorrer da história dessa comunidade, tentaram tomar frente na realização da reza e da festa; não permitiram tal ato, os descendentes de Tia Eva sofreram pressões, mantendo, entretanto, a missão deixada pela antiga negra. Essa tradição é, hoje, realizada pelo seu bisneto Sr. Sérgio da Silva, conhecido como Seu Michel.

Segundo Le Bourlegat (2000, p. 13), “tendo em vista a globalização, discute-se a ordem interna do lugar como força de desenvolvimento, com realce à criatividade da conscientização na geração de ações mobilizadoras da sociedade voltadas às transformações sociais”. A autora observa que o ser humano requer impulsos e equilíbrio para assegurar sua integridade, sua identidade.

Mesmo com todas as transformações ocorridas, os descendentes de Tia Eva, mantém a Festa de São Benedito. Muitos devotos que obtiveram suas graças fazem doações

à comunidade. Há o caso de uma senhora que fez uma promessa de auxílio à construção de uma escola; tão logo alcançou a graça, efetuou a construção (MATOS, ITO e LOBO, 1998).

O conhecimento da história local é um dos marcos para o desenvolvimento do turismo. Para Pellegrini Filho (1997, p. 122-123), “um dos tipos de manifestações tradicional – populares com maior potencialidade de atração turística são eventos intimamente ligados às raízes de largas faixas populacionais e fortemente fixadas em sentimento e significados religiosos”.

Ao se aprofundar na caracterização da Reza de São Benedito, que data do início do século, Capistrano apud Groetelaars (1978, p. 46), relata que “no Brasil, três séculos depois da descoberta [...] faltava divertimento público. As festas religiosas e procissões [...] serviram talvez para suprir esta falta”.

Segundo Marques, Ricca, Figueiredo e Martín (2001, p. 27), “cultura popular local simboliza o homem e seu entorno, um tipo de consciência e de materialidade social. Ou seja, a melhor ajuda para a libertação de um povo é aquela dirigida à conservação e recuperação de sua identidade e de sua cultura [...]”.

Diante dos apontamentos acima, pode-se afirmar que a religiosidade mantida pela comunidade São Benedito auxilia na manutenção da identidade local. Nessa perspectiva, cabe enfatizar que “ajudar um povo a conservar ou a recuperar sua identidade, sua cultura é sem nenhuma dúvida, a contribuição mais válida que se lhe possa dar [...]” (VERHELST, 1992).

Ao discutir a maneira e o modo de como este desenvolvimento local acontece, sempre se chega à certeza de que antes de tudo, a comunidade deve querer este “desenvolver”, pois o desenvolvimento deve acontecer primeiro dentro de cada ser humano.

Contudo, Arocena (2001) relata que “toda sociedad se nutre de su propia historia y así constituye un sistema de valores interiorizado por cada uno de sus miembros” e “para que exista sociedad local es necesario que el conjunto humano que habita un territorio comparta rasgos identitarios comunes”.

No entanto, a utilização dos recursos culturais, históricos e arquitetônicos de modo sustentado é saber transformar as restrições existentes em vantagens sócio culturais e econômico, não havendo uma descaracterização, sem prejuízos maiores a conservação do ambiente construído e a identidade da comunidade. No tocante ao planejamento do turismo devem os impactos sócio-culturais, serem levados em consideração, através do processo de

planejamento, de modo que venha a evitar, ou reduzir tanto quanto possível, os eventuais efeitos sócio-culturais negativos, reforçando os positivos.

A problematização do foco da dissertação foi tentar responder qual diagnóstico se fez da comunidade São Benedito para o Turismo em Campo Grande no tocante a sua religiosidade, enquanto Patrimônio Cultural a partir percepção da comunidade ali existente, dos órgãos ligados a Cultura, Turismo e IPHAN, para que o Turismo Cultural fosse voltado de benefícios a toda comunidade e que fosse elemento de preservação histórica que contribuísse ao incremento no desenvolvimento de Campo Grande e se os mesmos vêem a comunidade São Benedito como um produto turístico-cultural, responsável por esse desenvolver almejado.

Assim a hipótese (questão norteadora) da pesquisa foi à idéia de que a até que ponto a comunidade São Benedito se reconheceu e desejou ser como um produto turístico cultural e até que ponto as mudanças ocorridas no período de 1998-2003 representaram fatores de desenvolvimento local. A história da comunidade São Benedito é reconhecida a nível municipal, mas fez-se necessário investigar até que ponto esta sua história foi conhecido pela comunidade local e se esse conhecimento contribuiu para uma auto-identificação local.

No ano de 1998 houve uma pesquisa na comunidade São Benedito para se elaborar um acervo documental com dados sobre a vida de Tia Eva e seus descendentes. Neste período de pesquisa na comunidade a pesquisadora pôde acompanhar o início da construção da Escola existente hoje (ver foto 01).

O período difícil em épocas de chuva quando não havia asfalto (ver foto 02) na rua principal era motivo de dificuldades, relatadas hoje por moradores. O salão tinha outra infra-estrutura comparada ao salão atual.

Também nesta pesquisa as informações se deram através de relatos orais dos moradores da comunidade, conhecedores da história de Tia Eva. e junto à historiadora Lygia Carriço de Oliveira Lima. E passado o período de 05 anos, houve a pavimentação, a Escola foi concluída, tem-se um novo salão e o busto em homenagem a fundadora.

A pesquisa objetivou relacionar turismo cultural e perspectivas de desenvolvimento local, a partir do conhecimento das manifestações culturais da comunidade; em conjunto, também se pretende diagnosticar o conhecimento local acerca de patrimônio e produto cultural pelos segmentos pesquisados visando ampliar o conhecimento acerca dessa realidade.

FOTO 01- Construção da Escola Estadual Antonio Delfino Pereira no ano de 1998.



FOTO de Maria Bernadete Siqueira Loureiro/junho/1998.

FOTO 02 - Rua Eva Maria de Jesus (principal) sem asfalto no ano de 1998.



FOTO de Maria Bernadete Siqueira Loureiro/junho/1998.

Área de estudo abrangente da pesquisa foi a Comunidade de São Benedito (ver anexo A) , localizada no bairro São Francisco e de acordo com a setorização das regiões de Campo Grande realizada pela PLANURB - Instituto Municipal de Planejamento Urbano de Campo Grande, a comunidade se encontra na Região Urbana do Segredo, setor 03 - Jd. Seminário, a qual limita-se com a região urbana do Prosa, Imbirussú e Centro, situando - se ao

norte da área urbana. É constituída por sete setores e seus bairros, ocupando uma área perimetral de 93.776,00m<sup>2</sup>.

A pesquisa foi realizada junto a moradores da comunidade e responsáveis pela Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer de Campo Grande, Departamento de Turismo de Campo Grande e IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Mato Grosso do Sul..

A pesquisa pretendida caracterizou-se como um estudo de caso, na qual foram usadas técnicas e procedimentos operacionais como pesquisa bibliográfica para análise documental, entrevistas, fotografias e observações *in loco*.

A pesquisa bibliográfica em jornais impressos da cidade de Campo Grande aconteceu junto aos seguintes jornais: Correio do Estado; Jornal do Comércio; Folha da Serra; Fundação Barbosa Rodrigues; Rádio Educação Rural; Academia Sulmatogrossense de Letras e Arca. Em todos os locais citados não foi possível encontrar registros a respeito da vida e/ou morte de Tia Eva, pois, o arquivo morto, destes jornais data de 1944, 1952 e até 1969 aos dias atuais. A pesquisadora então busca registros obtidos através de leituras de livros históricos que retratem estudos sobre Campo Grande e Mato Grosso do Sul, no intuito de dar maior veracidade aos apontamentos históricos da pesquisa.

Foi utilizado questionário com questões semi-estruturadas e estruturadas, direcionadas a pessoas conhecedoras e líderes da história da comunidade São Benedito. No processo de escolha dos possíveis moradores a serem entrevistados, optou-se por entrevistar todas as residências da comunidade, totalizando aproximadamente 72 casas. Nestas residências, somente moradores acima de 20 anos de idade foram entrevistados, contabilizando aproximadamente 105 moradores. Alguns moradores não foram pesquisados por não haver disponibilidade de encontro, por motivo de estarem trabalhando em outras localidades, ou por não aceitarem responder o questionário proposto. A contagem das residências e a aplicação do questionário aos moradores foram realizadas pela presente mestrandona, no intuito de que durante a aplicação do questionário pudesse se ter uma abordagem mais próxima a cada morador.

## **CAPÍTULO II**

### **COMUNIDADE SÃO BENEDITO – SUA HISTÓRIA EM CAMPO GRANDE**

Este capítulo resulta, em sua maior parte, de entrevistas efetuadas e gravadas com moradores da comunidade, pessoas condecoradas da história de Tia Eva. A história da chegada da Tia Eva a Campo Grande, bem como, a história de morte da mesma não está registrada em nenhum jornal impresso, desse modo os registros (documentos) históricos são raros por motivos já colocados anteriormente, porém os relatos e leituras em livros que apontem para períodos em que ocorreram os fatos de origem desta comunidade, são as bases documentais para fundamentar tal estudo de caso. Os descendentes bisnetos acrescentaram muitas informações, pois, alguns contam relatos que ouviram de seus avós quando crianças e até mesmo se lembram de como eram os preparativos para a celebração da festa de São Benedito em outros tempos. As pessoas que conhecem a história da comunidade relatam fatos contados da época em que a fundadora da comunidade prestava auxílio a muitos fazendeiros e pessoas de posses.

Tanto em 1998 quando foram registradas e gravadas as primeiras entrevistas para o acervo documental sobre a história de vida desta comunidade quanto em 2004 quando houve nova entrevista na comunidade não com as mesmas perguntas, mas com foco de direcionamento semelhante, foi percebido que são às mesmas histórias relatadas de outrora.

O entendimento das manifestações culturais da comunidade São Benedito que se desenvolveram a partir da história de Tia Eva, por diversas vezes relatada e contada por seus descendentes, são “elementos que formam o conjunto da cultura de um lugar, [...] rumo à construção da noção de identidade de um lugar e de sua população, noções capitais para o estabelecimento de metas de desenvolvimento para a qualidade de vida em uma sociedade”, segundo (KASHIMOTO, MARINHO e RUSSEFF, 2002, p. 37)

Para Matos e Kashimoto (2003, p. 11-12), a análise de compreensão é de que “a história dessa comunidade destaca a religião como um dos aspectos culturais de grande relevância para a referência do passado local, ao mesmo tempo em que mantém viva a continuidade de cumprimento de uma promessa”.

No final do século XIX e início do século XX é que começa a história da comunidade São Benedito. Sua origem remete a Mineiros/Goiás onde nasceu, em 1847, uma negra : seu nome era Eva Maria de Jesus. Popularmente conhecida como Tia Eva - ela se apresentava com esse codinome de Tia. e obteve sua liberdade com a assinatura da Lei Áurea em 1888, quando já estava com 41 anos de vida.

Seu bisneta, Sérgio Antônio da Silva, faz suas ponderações em relação a vinda da fundadora da comunidade no seguinte comentário<sup>3</sup>: “[...] *o que a gente sabe da história da Tia Eva é bem verídica por que quem nos passou a história foi sua própria filha já que morreu aqui na minha casa, né?*”. Este senhor relata muitas histórias contadas por sua avó a ele e seus irmãos quando crianças. Hoje, ele que dá continuidade ao festejo em louvor a São Benedito.

Dando continuidade as palavras do senhor Sérgio, este comenta a respeito da situação de escrava de Tia Eva “*então a história da Tia Eva é que ela foi ainda escrava, em Goiás, no momento que ela libertou da escravidão [...] então a gente não sabe o que deu na idéia dela de tentar vir para cá [...]*”

Nos relatos apontaram que Tia Eva era uma pessoa trabalhadeira, forte, determinada. Gostava de tocar em seu “pé de bode”, um acordeão de 8 baixos. Tia Eva era devota de São Benedito, o santo protetor dos negros. Costumava dizer que esse era o pajem de Jesus Cristo e também o seu cozinheiro.

Segundo o senhor Sérgio, Tia Eva foi acometida por uma chaga na perna direita e usava, nessa ferida, ungüento feito de mel de abelha, casca de ipê fervido amarrado com embira . Com pouco auxílio da medicina, fez a promessa de que, se curada ao chegar a Mato Grosso, construiria uma capela em louvor a São Benedito, o santo protetor dos negros. Nesta capela, celebraria a novena em maio, mês do santo, pelo resto de sua vida, assim como os seus descendentes dariam continuidade a celebração.

Na discussão sobre a busca por um lugar, percebe-se uma reestruturação no modo de vida das famílias envolvidas. No caso da comunidade, não há relatos que

---

<sup>3</sup> Os comentários do senhor Sérgio Antonio da Silva e de Eurides Antonio da Silva estão gravados em forma de entrevista, e em poder da pesquisadora. Essas entrevistas aconteceram em maio a julho de 1998 e março a junho de 2004.

evidenciem outros motivos da vinda de Tia Eva para Mato Grosso senão o da cura de uma chaga e o desejo de vir para esta terra dando continuidade a sua descendência. Reitz (1980, p. 15-18) menciona que “a persistência étnica de um grupo depende de atributos que possibilitam a sua coesão social as transformações culturais correspondem ao processo de experiência dos membros que se referenciam na etnicidade para preservar-se como grupo”.

Assim, Silva (1998) entende que:

Identidade negra [...] constrói - se com base e a partir da interação entre três elementos que dão características particulares ao grupo: o passado de luta e negociação para a afirmação da liberdade face à escravidão [...]; a religiosidade [...] que atualiza, no seu ritual, o mito de origem da comunidade [...]; e a conformação de um discurso negro moderno [...] dos mais jovens, mas inspirado no passado do grupo.

Continuando a narrativa do senhor Sérgio, em 1904, Tia Eva partiu de Goiás, em comitiva . Vieram muitas famílias e, com elas, suas três filhas, Lázara, Sebastiana e Joana e seu companheiro, Adão (ver foto 03). A comitiva veio por Camapuã até chegar aos Campos de Vacarias, antigo nome de Campo Grande , e fixou-se no bairro Saraiva onde hoje é o bairro São Francisco. A viagem foi realizada no período da seca, durando alguns meses.

Segundo o mesmo informante, em 1905 , com 58 anos de idade, Tia Eva chegou ao seu destino, curada. Trouxe uma pequena imagem esculpida em madeira de São Benedito, de 15 cm, relíquia guardada até hoje pela comunidade (ver foto 04), assim como um sino de bronze, que hoje é sustentado por dois postes de alvenaria no lado direito da Capela de São Benedito. Após a chegada da comitiva em Campo Grande, se estabeleceram em local alagado com mata fechada próximo ao córrego segredo e afastado do centro. Na época das chuvas tornava-se uma região de difícil acesso com buracos e lama.

Segundo Weingärtner (1995, p. 4 -5), Eva Maria de Jesus teria participação nas origens da hoje capital de Mato Grosso do Sul, quando menciona que a história oral admite que José Antônio Pereira não é o primeiro desbravador a instalar moradia na confluência dos córregos Prosa e Segredo. E aponta, também, a existência de uma comunidade negra, no Cascudo, hoje Bairro São Francisco.

O local de sua antiga casa não apresenta, atualmente, vestígios de sua existência, porém sabe-se que essa se encontrava no terreno hoje pertencente à Dona Geraldina de Arruda Baptista<sup>4</sup>, casada com um neto de Tia Eva.

Em 1910, Tia Eva requereu ao então Intendente Nilo Javari Barém<sup>5</sup>, 8 hectares de terra, ao qual pagou 85 mil réis. Esse documento perdeu-se, e em 16 de dezembro de 1983 a comunidade ganha a ação de usucapião<sup>6</sup> (ver anexo B). Para o Senhor Sérgio, Tia Eva foi orientada a requerer tais terras, quando em entrevista coloca: “*minha mãe fala [...] que botaram na cabeça dela para ela requerer terra, por que ela era (se vê) uma pessoa sem experiência, nunca teve nada e como essa idéia de requerer [...]?*”

FOTO 03 - Tio Adão, companheiro de Tia Eva.



FOTO cedida por Eremita Antonia dos Santos em setembro/1998.

Os oito hectares de terra requeridos por Tia Eva ficaram como herança para os descendentes que, resolveram fazer o inventário por motivos de desentendimentos e divergências, pois com o terreno em nome de Tia Eva, o imposto e outras contas eram

<sup>4</sup> Dona Geraldina contribui com dados importantes para a pesquisa realizada no ano de 1998, porém, nesta última pesquisa não pôde colaborar devido a problemas de saúde vindo a falecer no mês de julho do corrente ano.

<sup>5</sup> Sugere-se consultar - “Rosário Congro: O Município de Campo Grande. 2003. Este historiador desbrava em sua obra, os primórdios do município. Onde em fins de 1909 e 1910, se faz a medição e demarcação das terras reservadas da futura localidade da cidade de Campo Grande”.

<sup>6</sup> Os seguintes documentos: ação de usucapião e certidão de óbito de Tia Eva, que se encontram nesta pesquisa foram conseguidos com o advogado, Luiz Gomes de Cabral, que cedeu-os para a pesquisa.

repartidos entre moradores que não as pagavam. Para tanto, não encontraram os documentos da terra, sendo preciso requerer na Justiça a Ação de Usucapião (ver anexo B). A partilha se deu da seguinte forma: a terra seria dividida proporcionalmente, de acordo com o número de pessoas existente na família dos herdeiros.

Segundo relatos da historiadora, Lygia Carriço de Oliveira Lima, Tia Eva era conhecida em função das tarefas que desempenhava. Fazia um preparado de acordo com a doença da pessoa. Produzia um tônico, colocava em garrafas. Receitava chás caseiros. Distribuía e rezava orações: era benzedeira respeitada.

FOTO 04 - Imagem esculpida em madeira de São Benedito



FOTO de Silvia Kazue Ito/junho/1998.

Havia uma oração, a do Anjo Custódio que se rezada com fé, acreditava-se, fazia a pessoa desaparecer perante seus inimigos, ou seja, os inimigos da pessoa esqueciam dela totalmente, numa espécie de proteção. Tinha um livro de orações e rezava terço cantado. Por esses serviços prestados não cobrava, porém, aceitava os presentes que lhes eram dados. Esses presentes e prendas a ajudaram a construir a capela. Os coronéis, fazendeiros e pessoas de influência daquela época acreditavam firmemente em suas benzeções e rezas.

Nesse sentido, Poutignat e Fenart (1998, p. 196) referencia que:

Situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica [...]. Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas

critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais.

O ser humano possui forte conexão com questões espirituais, procura-se, nesse entendimento, evidenciar os antigos santuários que ocupavam destaque central de povoados e às complexas transformações da evolução das cidades ocorridas no período neolítico que se deram a partir destes, e Rosendahl (2002, p. 40) diante do pressuposto acima, analisa que “nos santuários, verificava - se uma vida mais intensa; exerciam também um poder de atração para homens vindos de muito longe, atraídos pelo estímulo espiritual, para compartilhar as mesmas práticas mágicas ou crenças religiosas”.

Nas palavras de senhor Sérgio, os construtores da igreja são devotos anônimos, o que demonstra que as pessoas almejam por um espaço onde possam reverenciar sua fé. Para Rosendahl (2002, p. 33) “os homens não apenas criam espaços sagrados, como também procuram materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos neles; a igreja não é somente o lugar em que se reúnem os fieis, mas igualmente o recinto protegido [...]. Existem relatos orais de que a igrejinha da comunidade negra de São Benedito foi uma das primeiras a ser construída em Campo Grande. A mesma autora afirma que:

O espaço sagrado possui uma relação íntima com o grupo religioso que o freqüenta. [...] cada detalhe deste lugar possui um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, pois todas as partes do espaço que [...] ocupam correspondem a um certo número de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade.

A geografia humanística reflete sempre o entendimento do homem e o seu meio, busca sempre uma visão mundo humano. Na percepção da visão do homem diante de seus sentimentos, emoções e idéias, Tuan (1976) coloca que “a religião está presente em vários graus em todas as culturas. Parece ser um traço humano universal”. Continua ainda “falando de modo mais amplo, [...] a cultura religiosa é aquela que tem uma visão do mundo claramente estruturada”.

A igrejinha teve sua construção finalizada em 1912, mas somente em 1919 é que aconteceu, de fato, sua inauguração oficial, conforme se observa na inscrição, feita em reboco, na entrada da igrejinha (ver foto 07). Há exatamente 85 anos. Pequena, com área de 4,50m X 6,50m, possui duas janelas e uma porta do lado esquerdo e uma janela e uma porta do lado direito duas torres. Na frente da capela havia um pequeno cemitério.

É relatado que antes da inauguração oficial da capela de São Benedito, a reza a São Benedito era realizada sob a sombra das árvores. Os padres chegavam para a celebração das missas de charrete ou até mesmo a cavalo.

Contudo, Matos e Kashimoto (2003, p.16) afirmam que “a comunidade de São Benedito não poderia deixar de acompanhar as mudanças ocorridas à sua volta; ocorreram mudanças [...]. Nota-se uma adaptação da manifestação religiosa da comunidade [...]. Isso é percebido na inovação do modo de se conduzir à reza e cânticos, bem como na estrutura da pequena capela”.

A reza a São Benedito ficou conhecida como a Festa de São Benedito, ganhou fama porque Tia Eva através de suas rezas e trabalhos realizados fez muitos amigos e conhecidos que doavam de tudo para a realização das quermesses.

Naquele tempo, o sentido da festa em louvor ao santo tinha valor diferenciado do que acontece hoje, segundo relatos de moradores antigos da comunidade.

Senhor Sérgio comenta que quando era criança, os festejos iam de cinco a treze de maio. Havia a novena e em meio às orações de Salve Rainha explodiam-se três rojões, no qual eram sorteados os festeiros que iriam soltá-los, saudando o Santo. Rezava-se o terço cantado. E que sua avó sempre dizia que antes do início da festa, Tia Eva fazia um discurso, dizendo para todos se divertirem, para dançarem até o dia amanhecer e que não era para haver brigas. Após a reza, aconteciam os bailes de valseados, xotes, catiras dançados ao ar livre, em chão de terra batida. Uma multidão participava da novena, muitos vindos de longe chegavam a acampar na comunidade nesses dias. Para os bailes vinham tocadores de outras regiões, quando estes não compareciam eram os próprios familiares que tocavam para animar. Em meio à festa eram servidos bolos, doces de laranja, arroz doce, quentão e outros. Tia Eva, dizia para comerem à vontade, mas não desperdiçar a comida feita com carinho pelas senhoras, suas amigas, que levavam dias preparando estes quitutes.

Uma análise para entender o processo da síntese da coesão social de grupo, traz uma série de significados, que Silva (1998), expressa do seguinte modo (estudo de caso comunidade negra de Rio das Rãs, pertinente ao presente estudo de caso), “a festa era um espaço de trocas e doações, entre as famílias, [...] reafirmava -se a liderança de um chefe de família respeitável naquele que fosse escolhido como organizador do festejo, a quem se atribuía, por consequência, a responsabilidade por iniciar novas lideranças; [...] e permita, enfim, que o grupo atualizasse a crença na sua origem comum, através da aproximação, em um mesmo espaço [...]”.

Em tempo, o mesmo autor menciona que o sentido de “comunidade” é mais apropriado para o momento da ocorrência de um evento onde reúne as partes dispersas do conjunto. E que existe uma unidade advinda da comunidade de parentesco, que se funde com a unidade advinda da comunidade de vizinhança, onde os parentes em momentos específicos realizam uma espécie de mutirão, para rezarem em família ou mesmo virem a participar de uma festa.

Naquela época para angariar fundos para os festejos, ela fazia a “Folia da Bandeira” quando se caminhava com a bandeira do Santo pelas vizinhanças pedindo esmolas e prendas, de porta em porta, para serem revertidos em almoço com direito a doces servidos aos pobres. Pouco saía com a bandeira. Na maioria das vezes eram as mulheres e devotos quem desempenhavam essa tarefa, estes percorriam os bairros circunvizinhos e até municípios próximos a Campo Grande. Senhor Sérgio quando criança ainda saiu por muitas vezes com seu avô para realizar a Folia da Bandeira, em suas palavras coloca que *“hoje modificou muito nós saímos eu com meu avô [...] quando eu tinha meus dez, doze anos, saímos com ele de a pé. Nós íamos aqui pela Mata do Jacinto e ia até o fim de Rochedinho e cada lugar que chegava ali parava [...] uns davam frango, galinha e até mesmo dinheiro, depois voltava com carroça para pegar as prendas”*.

Essa tradição da Folia da Bandeira não acontece mais, porque as pessoas perderam um pouco da gentileza de receberem estranhos em suas casas e também, porque Campo Grande evoluiu, perdendo as características de cidade interiorana. Quando ainda se tentava fazer a Folia, muitos trancavam suas portas e janelas com medo de pessoas de má fé estarem por trás disso. Outras tradições que se perderam com o tempo foram às danças típicas da época, dando lugar a shows de artistas da terra; os rojões ainda são estourados, porém, não mais por festeiros escolhidos através de sorteios.

A Festa ainda acontece com a ajuda de devotos e dos familiares que não deixam a Tradição se acabar. Cabe neste ponto ressaltar em poucas palavras o significado da palavra tradição que entende - se como símbolo, uma lembrança que será transmitida de geração a geração. O Dicionário Aurélio (1985) define tradição como “ato de transmitir; transmissão oral de lendas, fatos, etc., de idade em idade, geração em geração; conhecimento ou prática resultante de transmissão oral [...]”.

De acordo a pesquisa feita no material do arquivo pessoal de Tereza Penha, essa capela sofreu alterações como, por exemplo, a troca de uma das janelas por outras modernas, assim como a substituição do piso de chão batido por piso de cerâmica e, ainda, a colocação de forro de madeira. A inscrição da parede frontal da igreja: 1919, antes em alto relevo,

agora é de metal. A capela está rodeada por calçadas de alvenaria. Na parte dos fundos da Igreja foi construído um salão para receber os festeiros; este salão já sofreu duas demolições até chegar ao formato atual: o primeiro salão era feito de madeira, o segundo de alvenaria, porém com pouca infra - estrutura e o atual - de amplo espaço, também de alvenaria, foi construído pela Prefeitura Municipal de Campo Grande. O pequeno cemitério cedeu lugar para um campo de terra. Os restos mortais de Tia Eva, suas filhas e seus descendentes, antes ali sepultados, foram retirados e acomodados em uma urna, atualmente depositada dentro da capela. Ainda hoje, há pessoas na própria comunidade que acreditam que nessa exumação, não tenham sido retirados todos os ossos e que ainda existem alguns indivíduos sepultados lá.

Durante a pesquisa foi relatado que há aproximadamente 36 anos, quando a igreja que era de pau a pique e barro foi reformada, na limpeza foram jogados e queimados muitos documentos, registros da Tia Eva, além de peças em cera e fotografias deixadas por fiéis em trocas de graças recebidas de São Benedito com esse acontecimento pode ser que houve perda de registros importantes desta comunidade.

Tia Eva faleceu em 11 de novembro de 1926<sup>7</sup>. Segundo senhor Sérgio, a causa morte de sua bisavó Tia Eva ainda é questionada, naquele tempo não havia condições para um diagnóstico preciso, conforme se observa na certidão de óbito, não consta causa mortis (ver figura 01) de um dia para outro, ela foi adoecendo, meio triste e assim foram muitos dias; antes de morrer pediu a seus parentes que não deixassem de fazer a novena a São Benedito.

O local onde antes se encontrava o túmulo de Tia Eva é, atualmente, marcado por uma cruz (ver foto 05).

As ações futuras têm como referencial o passado, pensado criticamente, de tal modo que contribua para a geração de inovações. A herança deixada e passada de geração a geração necessita de manutenção, e essa deve implicar em custo - benefício. Essa colocação é perfeitamente compreensível quando se trata da recuperação de valores culturais significativos para as pessoas. Mas, por outro lado, é perfeitamente incompreensível quando este custo - benefício não atende às pessoas que necessitam satisfazer suas necessidades fundamentais.

Depois da morte de Tia Eva, foi Sebastiana de Jesus Vida, sua filha, quem ficou responsável pela festa; depois Catarina da Rosa Cruz, sua neta, e hoje é Sérgio, seu bisneto, quem está à frente da Festa e da comunidade.

---

<sup>7</sup> A pesquisadora buscou junto a Luiz Gomes de Cabral, advogado dos moradores da comunidade, documentos e registros que comprovasse tal data de falecimento, porém, o que se encontrou foi à certidão de óbito de Tia Eva. Todavia, este documento foi registrado por ordem judicial expedido em 18.08.1956, ou seja, 30 anos após a data de seu falecimento, e não consta nem data, nem causa morte de Tia Eva.

Senhor Sérgio sabe mais detalhes a respeito da senhora Sebastiana, sua avó, pois, a mesma em seus últimos dias de vida, ficou em sua casa. Muitos descendentes foram para outros bairros e outros Estados.

A Câmara Municipal de Campo Grande, em 30 de agosto de 1996, concedeu homenagem póstuma de título de cidadã Campo - Grandense pelo Decreto Legislativo nº 368 de 27 de junho de 1996 (ver anexo C), pelos *relevantes serviços prestados a esta comunidade*. Em 07 de Maio de 1998, a Igreja de São Benedito passa a fazer parte do Patrimônio Públco Estadual e Municipal, sendo a primeira construção de característica religiosa a ser tombada em Mato Grosso do Sul. Em maio de 2003, a comunidade recebe um busto em homenagem a Tia Eva (ver foto 06). Esse busto resulta do trabalho de uma artista plástica, Maria de Oliveira, que após dois anos de estudos encontrou na face de uma bisneta já falecida, descendente de nome Nadir Antonia da Silva, um rosto que se aproximasse ao da Tia Eva.

A comunidade São Benedito possui uma história que permanece nos relatos orais da comunidade campo grandense. Através das práticas sociais compartilhadas ao longo do tempo, os seus moradores construíram o espaço da comunidade.

Harvey apud Castells (1999, p. 436) afirmam que “sob uma perspectiva materialista, [...] concepções temporais e espaciais objetivas são [...] criadas por meio de práticas e processos materiais que servem para reproduzir a vida social”. Nesse espaço se estabelece o território, ou seja, se estabelece o sentimento de propriedade. Para Castells (1999, p. 435) “espaço é a expressão da sociedade. [...] Em outras palavras: o espaço não é uma fotocópia da sociedade, é a sociedade. [...] Em teoria social, espaço não pode ser definido sem referência às práticas sociais”.

No ano em que se fez a partilha das terras, a comunidade conhecida como “Jardim Seminário” passou a se chamar “Vila São Benedito” em homenagem a Tia Eva.

Há doze anos a rua Silvio Silveira Nantes teve seu nome modificado para rua Eva Maria de Jesus. Única asfaltada é a principal rua na comunidade, por onde trafegam as linhas de ônibus de transporte urbano *Vila Marli, Lagoa da Cruz e UCDB*.

Hoje a Vila é composta pelas seguintes ruas: Eva Maria de Jesus (única asfaltada), Ciro Nantes Silveira e Canaã; essa vila é dividida em 20 terrenos, com casas de alvenaria e casas de madeira. Nelas se encontram tanto as famílias descendentes quanto as não descendentes de Tia Eva.

Figura 01 - Certidão de óbito de Eva Maria de Jesus

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

**CARTÓRIO SANTOS PEREIRA**

**REGISTRO CIVIL**

COMARCA DE CAMPO GRANDE — ESTADO DE MATO GROSSO  
MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE

Avenida Alonso Pena, 1.855 — Fone 4-2075

**CERTIDÃO DE ÓBITO**

*Dr. Waldir dos Santos Pereira Júnior*  
Oficial do Registro Civil da 1.ª Circunscrição

CERTIFICO que, em data de 18 de AGOSTO de 1956, no  
Livro nº 21, às fl.º 245v, sob nº 474, foi feito o Registro de Óbito de  
EVA MARIA DE JESUS

falecida em — de — de 1926, às — horas, em  
NESTE MUNICÍPIO

do  
sexo FEMININO, de cor — profissão —  
natural de — residente e domiciliada —  
com 76 anos de idade, estado civil — filha de  
natural de — residente em — profissão —  
natural de — residente em —  
Tendo sido declarante =EURIDICE ALVES DE FARIA=  
e o Óbito atestado pelo DK= MANDADO JUDICIAL  
que deu como causa de morte — e o sepultamento foi feito no cemitério de  
DESTE MUNICÍPIO

Observações :  
xxix  
xxix  
xxix

*Sonia Maria Gutterres de Jesus*  
O referido é verdade e dou fé.  
Sone Maria Gutterres de Jesus  
Assinatura: *Sone Maria Gutterres de Jesus*  
Fazenda: *Sone Maria Gutterres de Jesus*  
Cidade: *Sone Maria Gutterres de Jesus*  
Data: *06 de OUTUBRO de 1977*  
Oficial do Registro Civil - 1.ª Circunscrição

Fonte: arquivo pessoal de Luiz Gomes de Cabral

FOTO 05 - Cruz que demarca o primeiro túmulo de Tia Eva.

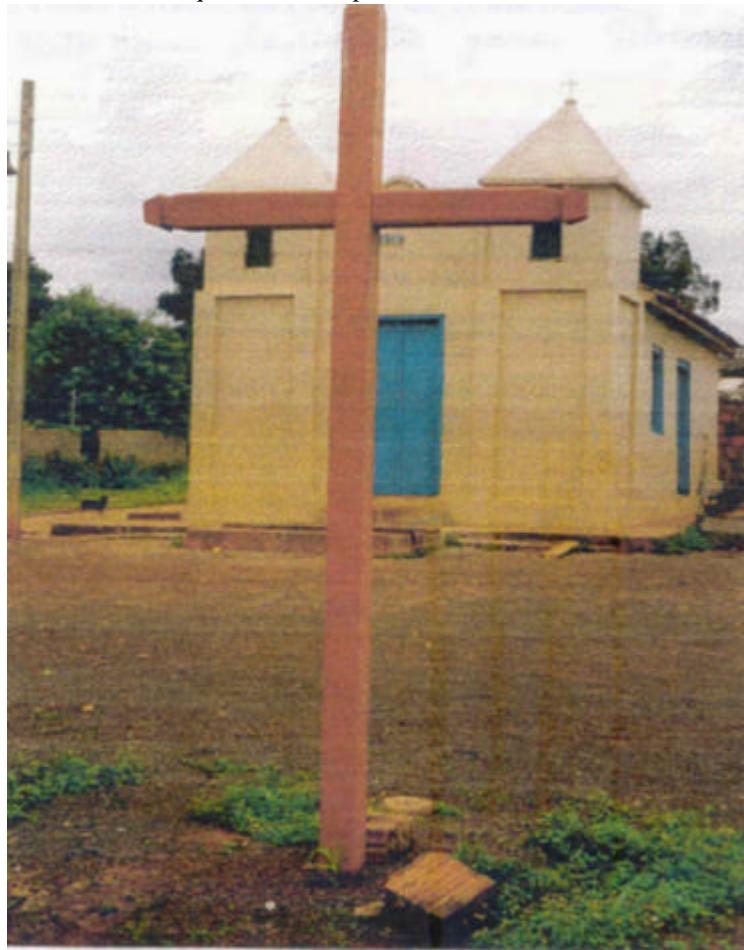


FOTO de Eliane de Matos/junho/1998.

Com a setorização das regiões de Campo Grande realizada pelo PLANURB - Instituto Municipal de Planejamento Urbano de Campo Grande, a Vila de São Benedito se encontra na Região Urbana do Segredo, setor 03 – Jardim Seminário, polígono com área de 332,09 hectares formado por avenida Tamandaré, rua Boiadeira, rua Corguinho, córrego Segredo, avenida Mascarenhas de Moraes, abrangendo os loteamentos: Vila Santa Lúcia, Vila Jardim Maria Amélia, Vila Nossa Senhora da Conceição, Jardim Oracília, Vila Dalila, Vila Leda, Vila Antonieta, Vila São Roque, Vila Saraiva, Portal do Gramado, bairro Jardim Seminário, bairro Jardim Seminário II, Vila São Benedito, bairro Lagoa da Cruz. Essa Região Urbana tem como limites a Região Urbana do Prosa, Imbirussú e Centro, situando-se ao norte da área urbana. É constituída por sete setores e seus bairros.

FOTO 06 – Busto em homenagem a Tia Eva



FOTO de Eliane de Matos/maio/2004.

O senhor Sérgio relata que a comunidade plantava para sua própria subsistência: couve, mandioca, milho, arroz, feijão, cana-de-açúcar, banana, mamão, laranja e manga. Possuíam também vacas leiteiras, porcos e galinhas, que recebiam das pessoas que Tia Eva ajudava, em forma de gratidão. Os homens vendiam alguns animais na cidade e também trabalhavam na moenda de milho; as mulheres trabalhavam como empregada doméstica, fabricavam e vendiam doces caseiros nas casas da cidade, faziam sabão com sebo e cinza e lavavam roupas de terceiros.

Eurides Antônio da Silva, filho do Senhor Sérgio, relata que os descendentes necessitavam de uma organização que desse aparato aos muitos movimentos que estavam e estariam por acontecer na comunidade. Em 15 de maio de 1997, foi registrado em Cartório a Criação da Associação Beneficente dos Descendentes da “Tia Eva”, uma entidade civil sem fins lucrativos, que presta serviços sociais aos seus associados. A sua direção é constituída por: Sérgio Antônio da Silva (presidente); Eurides Antônio da Silva (1º vice-presidente); Getúlio Caetano de Barros (2º vice-presidente); Alaíde Batista da Silva (secretária geral);

Sandra Mara Martins dos Santos (1<sup>a</sup> secretária); Rildo Ferreira da Silva (tesoureiro geral). Em 08 de fevereiro de 2002 teve inicio o projeto Negraeva, com o objetivo de possibilitar o acesso e manutenção de afro-descendentes em curso de nível superior, em ações de ensino, pesquisa e extensão. A coordenadora do projeto é Sandra Mara Martins dos Santos, descendente de Tia Eva.

Hermet (2002, p. 108) afirma que “fazer surgir novos líderes associativos, que interpretam a tradição como bem querem, gera efeitos de demonstração poucos controláveis, [...] e normalmente permite que as mulheres desempenhem um papel merecido que antes não lhes incumbia [...]”.

Em entrevista Eurides Antônio da Silva, observou que representantes da comunidade participam do movimento negro de Campo Grande. Participaram no 1.<sup>º</sup> Fórum Pró - Intercâmbio África/Mato Grosso do Sul, realizado de 27 a 30 de maio de 1993, em Brasília-DF, com embaixadores da Nigéria, Gabão, Senegal, Angola, Togo Marrocos, Gana, Camerain e Cote D' Ivoire , foram até a comunidade São Benedito assistindo apresentações culturais, havendo confraternização entre esses povos. Participaram também da Marcha Global Contra o Trabalho Infantil em Brasília - Distrito Federal de 11 a 14 de maio de 1998.

O mesmo informante comentou que participou do movimento negro TEZ, e que muitas vezes participou de congressos na região centro - oeste e que como membro teve um conhecimento mais amplo sobre a questão cultural afro- brasileiro.

Então, surge uma inquietação a respeito das inúmeras expressões para designar esses descendentes, seria afro-brasileiro, seria afro-descendente, seria descendente cultural? Bem, esse é o campo estritamente epistemológico e que não cabe ser discutido, o que precisa é um enfoque sobre como definir nossos descendentes. Souza (2000, p. 55), também observa que tal inquietação se faz necessário e coloca que “nos últimos anos, embora se tenha falado muito sobre o *negro brasileiro*, ainda persiste, [...] longo debate sobre qual palavra [...] expressa essa realidade”. Mais adiante, o mesmo autor afirma que:

Contudo, se mal estamos certos de quando surgem os afro - brasileiros, como definirmos que são os afro - descendentes ? Ou, ainda, quando os afro – brasileiros passam a ser afro – descendentes? Talvez seja por conta dessas indagações que os trabalhos mais recentes utilizam um termo pelo outro como se fossem sinônimos.

A comunidade é formada por pessoas humildes, na maioria assalariada, trabalhando na construção civil como pedreiros, pintores e outros. Alguns descendentes

possuem diploma de terceiro grau em várias áreas tais como Jornalismo e Direito, mas estes descendentes não residem na comunidade.

Em sua dissertação de mestrado, Brito (2000) apresenta algumas conclusões que denunciam a ausência de políticas públicas voltadas para os afros-descendentes campo-grandenses. Afirma, por exemplo, que de 1987 a 2001, apenas uma pessoa concluiu um curso universitário, entre dezenas de jovens descendentes de Tia Eva, com idade universitária. Em um outro período é como se o tempo tivesse praticamente parado, pois de 1944 a 1987, nenhum morador havia concluído, sequer, o segundo grau, revela a dissertação da professora que também é afro - descendente.

Para cumprir uma graça alcançada, a Empresária Irany Caovila comprou terreno de um morador e o doou para a construção da Escola. Em maio de 2000, foi inaugurada a Escola Estadual Antonio Delfino Pereira, o nome da Escola foi em homenagem ao pai de Irany Caovila. Segundo a diretora, Cleidevana Maria Socorro Oliveira Chagas, a Escola comporta hoje 690 alunos, tanto no ensino médio, fundamental e Ensino de Jovens e Adultos - EJA , além de mais 50 crianças de 03 a 06 anos de idade na creche que se encontra ao lado da Escola. A diretora não possui dados exatos de quantos alunos são descendentes de Tia Eva, e supõe que dos 580 alunos do ensino fundamental e ensino médio, 30 a 35 % são descendentes de Tia Eva e dos 60 alunos do EJA,40 % são descendentes.

Cabe ressaltar que ao interpretar o modo de organização de vida econômica e social de uma comunidade, é necessário o entendimento de capital social, que se atribui às relações de que dispõe cada um dos membros.

Nesse sentido, Hermet (2002, p.102) interpreta o “capital social como um recurso [...] como um bem coletivo [...] de que ninguém pode apropriar - se individualmente; [...] esse capital estimula, além disso, a acumulação de outros tipos de capital, tais como o capital escolar e universitário mais elevado dos membros de categoria bem inseridas na sociedade”.

Hoje, a comunidade busca conservar e divulgar a sua história dentro da capacidade de que dispõe. Alguns membros da diretoria da associação ministram palestras a visitantes, grupos escolares; transmitindo os conhecimentos a todos que desejam saber sobre a história de Tia Eva. Sabem que o Turismo possa ser um dos caminhos para atingir esses objetivos, sem que haja a interferência de terceiros que queiram modificar o legado deixado por Tia Eva a eles.

Para os negros de Campo Grande, a Festa de São Benedito, é uma herança deixada por uma ex-escrava, onde a função é manter o grupo enquanto grupo de negros. Eles acreditam que a festa recupera a memória e a história, que lembrar não é esquecer, é reviver, e

é isso que os negros da Comunidade de São Benedito tentam fazer, impedindo aos grupos em questão a sua fragmentação. Não fragmentar-se é parte de uma resistência por meio da qual o povo negro saiu vitorioso na luta pela liberdade.

Postula - se que a consideração em torno do território implica na constituição efetiva do patrimônio deste grupo social, aonde se é observado como um espaço que aflora a identidade coletiva deste grupo étnico, onde Poutignat e Fenart (1998, p. 189), colocam a discussão sobre o termo grupo étnico em quatro critérios:

1. perpetua-se biologicamente de modo amplo,
2. compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais,
3. constitui um campo de comunicação e de interação,
4. possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.

Verhelst (1992, p. 37) define identidade como: “conjunto de soluções originais que um grupo de seres humanos inventa a fim de se adaptar ao seu ambiente natural e social”.

Castells (2000), por sua vez, entende a identidade como um conjunto de significados culturais inter-relacionados, no qual prevalece uma pluralidade de atributos sócio-culturais que se auto-representam diante das ações sociais. Ainda, considera que a construção identitária está alicerçada pela matéria prima histórica produzida pela memória coletiva de uma sociedade.

Sobre a questão de identidade, Amorim (1998, p. 05) assegura que:

A discussão sobre a territorialidade dos remanescentes das comunidades tradicionais [...] envolve suas formas de uso e aproximação do espaço e seus recursos naturais, territorialidade, organização social e econômica, sistemas de valores de uso e simbologia [...], coloca-se a questão da territorialidade dos grupos tradicionais, entre eles os quilombos, como fator fundamental de construção da própria identidade do grupo.

Para Eurides, os negros da comunidade em sua maioria praticam a religião católica, muito embora, alguns tenham se convertido a outras religiões. Existem algumas igrejas entorno da comunidade, as religiões evangélicas, estão se disseminando com muita força, hoje existe Igreja Batista, a Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus e Deus é amor. Como advindos de um segmento cultural afro, eles não mediam o catolicismo com o culto aos orixás, quebrando determinantes culturais ou sociais pré - estabelecidas no campo religioso.

Todavia, existe uma indagação se os moradores desta comunidade praticavam a umbanda e/ou candomblé. A professora Raimunda Luiza de Brito, pesquisadora que trabalhou sua dissertação de mestrado sobre a comunidade São Benedito foi questionada sobre assunto, mencionando o seguinte “*não! [...] pesquisei 40% das residências, nós encontramos só uma família que é metade kardecista e metade umbandista, mas eles não praticam lá na comunidade é fora da comunidade*”. Esta professora afirma que freqüenta a comunidade desde os 05 anos de idade e não é descendente e que durante tempo em que convive com os moradores da comunidade nunca viu manifestação de umbanda nesse local.

Ainda sobre este assunto, alguns moradores comentaram que existe uma família que freqüenta um centro, mas não soube informar se é centro espírita ou centro de umbanda. E até mesmo o senhor Sérgio relata que a mais ou menos 05 anos, um sargento do exército vindo do Rio de Janeiro, foi à comunidade a procura de terreiro de umbanda, pois achava que como se tratava de uma comunidade de pessoas de raça negra, ali poderia encontrar essa manifestação, no entanto, foi informado da origem do local não voltando mais.

Essas indagações a respeito da prática de umbanda e candomblé foram feitas em dias e lugares diferentes para que não houvesse manipulação nas respostas.

Para essa comunidade, memória e cultural têm significados expressos na observação de Simão (2001, p. 58-59), que analisa o seguinte:

O referencial de memória e historia que carregam, agregado normalmente às culturas que se preservam no tempo, [...], nas festas, no fazer e nos costumes, dar - lhes atualmente um traço diferencial que, se valorizado, estimula seus cidadãos, guardiões desses bens, a resgatarem sua identidade local e seu sentido de pertencimento ao lugar.

Para Hermet (2002, p.105-106), “particularmente nas comunidades [...] as pessoas continuam a extraír sua identidade e o valor que atribuem a si mesmas [...]. É a estrutura da comunidade que determina as identidades que a ela se referem, e não as identidades

individuais construídas mais ou menos [...] por cada um de seus membros, que somadas, definem a comunidade”.

Entretanto, o ser humano estabelece relacionamento de diferente ordem. Segundo Tuan (1983), “o espaço de relações construído pelo indivíduo e pelo grupo vai adquirindo significado, através do sentimento acumulado em relação aos objetos que o compõem, ao longo dos anos [...]. O significado de identidade cultural ainda é discutido e menciona que o indivíduo, por sua vez, precisa recorrer a essa memória coletiva quando quer saber sobre fatos que não testemunhou ou fazem parte de seu passado e de sua comunidade [...] as pessoas passam a perceber que a identidade é uma construção social [...] e que o conceito de identidade implica o sentimento de pertença a uma comunidade imaginada, cujos membros não se conhecem, mas partilham importantes referenciais comuns [...]” (BARRETO, 2000, p. 45-46).

Para Verhelst (1992, p.103) a questão da identidade pode ser entendida, assim:

Um povo que é privado de sua identidade não é mais capaz de se autodeterminar. [...] a sociedade se desestrutura e não pode mais viver como sociedade. [...] A consequente desestruturação da sociedade pode chegar à negação interiorizada da identidade, portanto, do dinamismo pessoal.

Por quinze anos, de 1960 a 1975, a igrejinha de São Benedito ficou sob a responsabilidade de padres salesianos. Nesta época, estes padres seguiam o mesmo ritual de celebração de quando a reza era feita pelos descendentes. No entanto, no período da festa, a capela ficava minúscula mediante presença maciça de tantos devotos; com isso, o então padre responsável, Luciano Scampini, resolveu construir uma igreja maior. Em 1967, inaugurou-se a Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Mas membros da comunidade não compareceram, revoltosos, pois não queriam deixar de freqüentar a capela. Os padres salesianos propuseram continuar tomando conta das duas capelas, mas os descendentes perceberam que era o momento deles voltarem a frente da igrejinha. Durante todo o ano as missas, antes celebradas na capela, agora acontecem na igreja nova; somente em maio é que se tem a celebração da missa na capela de São Benedito.

O legado deixado por Eva Maria de Jesus Vida, para seus descendentes, foi a tradição que ela criou e que, vindo sendo passado de geração a geração, acontecendo todos os anos, por vezes com alguma mudança de data.

Tuan (1976) , do ponto de vista da geografia humanista, posiciona que “uma pessoa é sua biologia, seu passado, [...] a maneira como vê o mundo”. Continua afirmando

que “a identidade de um lugar é a sua característica física, sua história e como as pessoas fazem uso de seu passado [...]. Nessa mesma obra ainda menciona que ”a história não é somente a passagem dos acontecimentos, mas a sua reconstrução consciente na memória do grupo [...]. Assim, definida, a história exerce um papel essencial no sentido humano de territorialidade e lugar”.

Antes do início da missa, acontece a procissão; após a cerimônia o mastro é erguido, porém antes os fiéis passam sob o mastro da bandeira beijando-a como se o Santo fizesse uma cobertura, ou seja, dando proteção às pessoas que manifestassem tal ato, todo esse ritual acontece diante da fogueira acessa pelos devotos. Hoje, o que se reza é o terço comum e os cânticos religiosos.

O baile acontecia sob as mangueiras onde é hoje o quintal de seu Michel. Entretanto devido ser um local inadequado, sujeito às intempéries climáticas e tirando a privacidade da família, sentiram a necessidade de um local apropriado e começaram a construção do salão. que está localizado na parte dos fundos da capela

A festa está no calendário de eventos da cidade de Campo Grande, sendo mais um atrativo ao visitante da terra. Na Revista Arca de (2002, p. 31-32), existem seis roteiros agregando cerca de cinqüenta pontos referenciais da memória da cidade e a Igrejinha de São Benedito esta sinalizada em um destes roteiros.

## CAPÍTULO III

### PATRIMÔNIO E TURISMO CULTURAL

Ao se tratar das contribuições do patrimônio cultural, há que se atentar para os recursos tangíveis e intangíveis, os quais se complementam em forma de legado cultural, o qual contribui para a construção da identidade de uma localidade. Essa herança é manifesta nas obras de arte, nos trabalhos artesanais, nas crenças, nas edificações.

Em se tratando de análises sobre cultura, patrimônio cultural e turismo cultural, cabe ressaltar a necessidade de revisão dessas definições.

Existem muitas definições para o termo cultura, a discussão a respeito do sentido desta palavra é abrangente para designar processos históricos, onde Gastal (1998, p. 100) relata que na (pré) - História, o homem retirou o alimento do ambiente e, depois, criou instrumentos e objetos “auxiliares à qualidade do viver e sobreviver”, permitindo a imposição da humanidade frente aos elementos naturais.

O Dicionário Aurélio (1985) define cultura como “o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade [...]”.

No conceito humanista de cultura, as acepções são diversificadas passando por transmissão espontânea ou dirigida de valores e conhecimentos. Vannucchi (1999, p. 24-25) menciona que “desde a Antiguidade clássica e da Idade Média apresentava-se o ideal da [...] humanitas como proposta de aperfeiçoamento pleno da pessoa [...]. Equivaleria à cultura integral” dos nossos dias. Ainda de acordo com este autor:

Esse sentido humanizante de cultura floresceu entre os romanos, a partir do cuidado com a terra, a “agricultura”, isto é, o trabalho do agro, o cultivo do campo.

[...] Essa visão clássica de cultura, transmitida e favorecida pelas “humanidades” [...] foi assumida pelo cristianismo e veio a prevalecer nos tempos do Renascimento, [...]. No Iluminismo, a noção de cultura passou a ser o conjunto dos modos do viver civilizado.

Gastal (1998, p. 107) verifica que “cultura é qualquer tipo de manifestação que venha a atar, unir o convívio em sociedade. Qualquer tipo de criação, de artefato, ou de meio de continuar vivendo em sociedade é um ato cultural estrito senso”.

Ao se pensar no termo cultura, inicialmente se enfatiza que se trata de algo que é passado de uma geração para outra: conhecimentos, técnicas, sistemas de produção, sentido da existência humana, valores sociais, etc. Conclui-se que, o ser humano é mais do que um conhecedor de dados; é, principalmente, um agente de cultura (VANNUCHI, 1999, p. 21).

Em sua obra, Telles (1997, p. 9) assegura que “existem várias definições para o termo *cultura*. A mais simples seria: soma de conhecimentos adquiridos pelo homem ao longo de sua existência. Contudo, tal conceito seria ainda insuficiente para espelhar tal significado”.

Verhlest (1992, p. 135) afirma que “na realidade, cultura, em termos absolutos, não existe; existem comunidades humanas que herdaram e reproduzem sua própria cultura”.

Ao referenciar padrões de comportamento, das crenças, dos valores transmitidos, deve-se considerar que a comunidade São Benedito demonstra em sua história uma conexão, ou seja, ligação de fé a este Santo, do qual Tia Eva era devota. Hoje, os moradores desta comunidade continuam a praticar o rito religioso, manifestação cultural que materializa a crença, ano após ano.

Essa comunidade enaltece que a Festa de São Benedito e a Novena, que ocorrem no mês de maio, devem sempre acontecer, pois os seus moradores são descendentes de Tia Eva e, assim, devem realizar o pedido da ex-escrava, num gesto que mantém valores do passado no presente.

Telles (1997, p. 10) entende ainda que “estes valores, verdades e estímulos só encontraremos no nosso passado. As modalidades do presente só podem e devem se cristalizar, acompanhando as formas do passado, pois todo o impulso dum povo para o futuro vem das raízes [...]. Assim, todo o esforço do nosso povo em busca do seu futuro virá das raízes que ele mergulhar no passado”.

A cultura comprehende artes, letras, modos de agir, de ser e de viver, conseqüentemente, elabora-se na dinâmica histórica de uma comunidade. No presente estudo, enfatiza-se essa abordagem da cultura da comunidade que é caracterizada, pela sociedade envolvente, em função de sua religiosidade.

Dando continuidade às análises a respeito do enfoque cultural, Jara (1999, p.4) observa que:

Quando falamos de cultura estamos falando da forma de vida de um povo, sua personalidade, os conhecimentos, as crenças, idéias coletivas, costumes; a maneira como as pessoas de um determinado agrupamento social, inseridas num determinado meio ambiente se organizam para conseguir seus objetivos [...].

As criações materiais e imateriais deste grupo, nas relações intra e intergrupais, caracterizam uma cultura local singular. A Igreja de São Benedito, manifestação da história local, integra a referência identitária de Campo Grande.

Poutignat e Fenart (1998, p. 187-188) consideram que “cultura é apenas um meio de descrever o comportamento humano, seguir-se-ia que há grupos humanos, isto é, unidades étnicas que correspondem a cada cultura”. Esses mesmos autores afirmam que “A interação em um sistema social como este não leva a seu desaparecimento por mudança e aculturação [...].”

Na obra do Departamento do Patrimônio Histórico (1992, p. 94-95) encontram-se algumas considerações a esse respeito:

A cultura é completamente dinâmica e vai se modificando no processo histórico dos grupos sociais [...] e ter uma identidade [...] seria antes de tudo, ter um país, uma cidade, uma entidade onde tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se torna idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade se coloca em cena, celebrando-se em festas e dramatizam-se também nos rituais cotidianos.

Segundo moradores locais, a comunidade é conhecida por testemunhos históricos, tais como a Igreja de São Benedito (“Igrejinha”) e a imagem deste santo, assim pela inserção da maioria dos moradores na categoria descendência afro-brasileira. A narrativa de Vannucchi (1999, p. 41) ressalta que “ora, a identificação de um grupo humano acontece sempre em vista de um espaço físico de origem e de certa herança histórico-cultural [...] todo ser humano tem raízes em uma coletividade [...]. Nessa sociedade não apenas guardam tesouros do passado, como se vivem também as indagações e os pressentimentos do futuro”.

Ao longo dos anos, as comunidades acumulam legado cultural, traduzido em produções materiais e imateriais edificadas – parte das quais consagradas como patrimônio cultural. Essas produções contribuem na consolidação da existência de um território específico a uma cultura.

Para o Departamento do Patrimônio Histórico (1992, p. 19-20), tem - se que:

A memória social e as tradições populares constituem experiências que não podem ser dissociadas, coisificadas ou reduzidas à condição de meros objetos de contemplação. [...] ao invés de retirar este patrimônio de seu circuito próprio, é fundamental respeitar e compreender seus vínculos profundos com aqueles que o produziram: trata - se de reconhecer que, neste saber – fazer, preservar, difundir, aprender e refazer práticas são elementos indissociáveis. Por isto, é necessário afastar qualquer tentação de congelar este patrimônio, como se esta fosse a única forma de garantir sua sobrevivência.

A noção de patrimônio originalmente está vinculada aos bens materiais hereditários. A proteção e preservação dos documentos histórico-arquitetônicos vêm de longa data. Segundo Telles (1977, p. 29), um Decreto do Imperador Teodoro, de 1º de janeiro de 398, observava que “a subtração ou remoção de partes ou ornamentos de edifícios históricos, especialmente quando tenham importância [...] será castigada com multa de 6 libras ouro”.

A Igreja e a imagem de São Benedito esculpida em madeira, a festa e as manifestações de religiosidade, são bens que a comunidade campo-grandense possui para comprovar em seu espaço e território que patrimônio cultural, relaciona-se à forma de viver de uma comunidade.

Segundo o Departamento do Patrimônio Histórico (1992, p. 94), “não se deve mostrar o passado sem que se o coloque em função do presente, entre eles deve haver uma relação retroalimentadora. O conhecimento e compreensão do passado facilitarão o entendimento do presente que se vive”.

No século XVIII, o poder público francês começou a transpor novos conceitos à palavra patrimônio, que deixa de ser definida pelos prédios que nas palavras de Barreto (2000, p. 11),

abrigaram reis, condes e marqueses e pelos utensílios a eles pertencentes, passando a ser definido como o conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade.

Nesse período desenvolveram-se novas concepções a respeito da conservação dos símbolos e “no entanto, a interpretação deste acontecimento adquire contornos simbólicos: assinala o início da contemporaneidade” (CAMARGO, 2002, p. 9).

Na Revolução Francesa pretendia-se apagar da memória da sociedade a existência da Coroa, através da destruição de palácios, cidades. Mesmo com a intenção da destruição dos vestígios do passado, houve movimentos em busca da preservação dos monumentos e dos

bens constituídos como patrimônio cultural. Esses movimentos eram, entretanto, restritos a pequenos segmentos da sociedade.

Nesse período político da França, os bens da Coroa e as propriedades do Clero e da Igreja passam para o Estado. Conforme Camargo (2002, p. 19-20)

Finalmente, ao lado das propriedades monárquicas e eclesiásticas, juntam-se os bens do emigrados, ou seja, dos aristocratas que abandonaram a França revolucionária [...] tendo em conta a existência daqueles bens da Coroa, da Igreja e dos emigrados, e a concepção de Estado Nacional, constituem - se então os *Bens Nacionais*.

Nesse sentido, Telles (1977, p. 31) relata que “os bens móveis, como também, em especial, os tesouros das igrejas, seus ornamentos e bibliotecas (foram confiscados, grifo nosso) [...]. Contudo, também aqui se encontram as origens dos esforços na conservação de monumentos que conduziriam ao atual sistema de conservação e proteção do acervo cultural”.

Barreto (2000, p. 9) observa que “até [...] metade do século XIX, praticamente, patrimônio cultural foi sinônimo de obras monumentais, [...] propriedades de grande luxo, associadas às classes dominantes, pertencentes à sociedade política ou civil”. De acordo com esta autora:

[...] define-se patrimônio cultural como: monumentos - obras de arquitetura, escultura e pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica [...]; conjunto de edificações – conjuntos de edificações separados ou conectados, os quais, por sua arquitetura, homogeneidade ou localização na paisagem, sejam de relevância universal do ponto de vista da história, da arte ou das ciências; sítios – obras feitas pelo homem ou pela natureza pelo homem em conjunto [...].

O sentimento de pertença e a relação com o passado estão inclusos no significado de patrimônio cultural, o qual abrange também “outros produtos do sentir, do pensar e agir humanos [...]” (PELLEGRINI FILHO, 1997, p. 90).

Enquanto patrimônio cultural, a Igreja, a imagem e a Festa de São Benedito refletem os valores históricos e artísticos. O patrimônio relaciona-se à história e forma de viver desta comunidade, de maneira a contribuir na manutenção da memória local. Dessa forma, esse patrimônio cultural contribui para o incremento do sentimento de pertença ao local e ao respeito à diversidade cultural.

Segundo a Constituição da República Federativa Brasileira (1988), o patrimônio cultural brasileiro abrange “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente

ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...].”

Choay (2001) comenta que, os recursos culturais funcionam como espécie de espelho que “cria um efeito de distância, de afastamento, propiciando um intervalo onde se haverá de instalar o tempo referencial da história”.

Todavia, segundo Funari & Pinsky (2001, p. 18),

a perspectiva do patrimônio como parte integrante da memória social também ressaltaria como um campo de conflito simbólico da sociedade, no qual se registra o jogo memória/esquecimento, em geral vencido pelos segmentos sociais dominantes, que podem impor sua memória como a de toda a sociedade.

Na Europa já havia, desde longínquos tempos, discussões a respeito da valorização e preservação da memória e da identidade; no Brasil, segundo Camargo (2002) também era escassa a noção de patrimônio ou bens patrimoniais, a qual passou a se incrementar na terceira década do século XX, especialmente com o movimento de intelectuais modernistas.

Essa visão ampla sobre o comportamento que algumas pessoas têm em relação ao patrimônio cultural é pertinente quando se menciona o Brasil nesta discussão, onde seu descobrimento e a maneira escravista de colonização o torna um país não preparado para o entendimento da valorização e para a criação de conceitos sobre preservação e conservação de seus patrimônios culturais.

Os autores Funari & Pinsky (2001, p. 17) discutem que:

Desse modo, é de todo compreensível a distância entre o patrimônio cultural e a maioria da população brasileira, uma vez que essa não reconhecia nele nada seu. Essa situação prolongou - se até a década de 1980, quando, no conjunto dos movimentos sociais que buscavam a democratização do país e o efetivo exercício dos direitos de cidadania, segmentos sociais e étnicos começaram a terem reconhecido seus papéis de construtores da sociedade, da história e da cultura brasileira.

A preocupação de se identificar o entendimento de patrimônio cultural e memória é fonte de análise para Choay (2001, p. 229) que faz a seguinte indagação:

Qual pode ser, com efeito, o valor histórico de um edifício ou de um conjunto de edifícios se não tiverem a bela linearidade temporal tão pacientemente edificada pela história, tão pacientemente apreendida e

conservada pela memória orgânica e pouco a pouco reduzida a uma abstração pelas memórias artificiais?

Uma das mais importantes contribuições em prol da valorização de um bem material foi estabelecido pelo arquiteto Gustavo Giovannoni, lembrado por Mayumi (1999, p. 50), o qual estabelece as bases do “patrimônio ambiental urbano”. Introduzindo o conceito de “arquitetura modesta”, o arquiteto entendia que os monumentos não deveriam ser considerados isoladamente no espaço urbano, mas que a combinação entre a “arquitetura modesta” que fazia contraponto com a “arquitetura monumental” atribuía ao “ambiente urbano” o seu caráter histórico e documental.

No Brasil, um grupo de intelectuais modernistas assume, no início da década de 1930 e 1940, a primeira fase de interesse por patrimônio cultural, propondo um novo paradigma relativo às raízes constituintes da nação brasileira - surgem novos conceitos artísticos e culturais. As três fases de implantação desses novos conceitos de patrimônio abrangem: o *movimento modernista*, a vanguarda no conceito de patrimônio – em grande parte referenciada pelas obras de Aleijadinho – subsidia a criação do Decreto Lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937 por Getúlio Vargas, que leva ao tombamento de 234 bens em um único ato. Na segunda fase, os estudos são mais aprofundados sobre os *bens tangíveis e intangíveis*, ao conceito de patrimônio inserem-se os bens imateriais juntamente aos bens materiais. Na última fase, o *direito à cultura*, diversificada, sendo que todos têm o direito a opinar sobre o assunto inerente, registrando os bens imateriais, outro instrumento de preservação e conservação.

Essa fase de implantação de uma nova concepção sobre modos de recuperar e guardar os bens materiais e imateriais nacionais é foco de análise para Camargo (2002, p. 83 - 87) que retrata esse período do seguinte modo: “finalmente em 12 de julho de 1933, concretiza-se a primeira medida oficial, em forma de Decreto, de reconhecimento do patrimônio cultural e da necessidade de sua preservação: a cidade de Ouro Preto é erigida como Monumento Nacional [...] a elevação de Ouro Preto a Monumento Nacional tomada aqui como paradigma e a criação do patrimônio Histórico Nacional em 1938 articulam-se com outras medidas da ditadura Vargas para tornar o patrimônio atrativo turístico”.

Devido à suma importância deste período, vários autores discorrem sobre o assunto em questão, afirmando que o movimento intelectual brasileiro marcou a história, pois nas cidades antigas mineiras eles encontraram aquilo que procuravam: monumentos e núcleos

urbanos coloniais abandonados, mas que mantinham sua integridade estilística original, contavam a história e refletiam a tradição almejada [...] (SIMÃO, 2001, p. 28).

Nessa perspectiva, o presidente Getúlio Vargas criou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), pelo Decreto-lei n.º 25, em 30/11/1937. Este primeiro órgão federal dedicado à preservação definiu como público o patrimônio histórico e artístico nacional, vinculado a “fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (FUNARI & PINSKY, 2001, p. 20).

O SPHAN tem três fases de atuação institucional designadas como: **a)** “a fase heróica”, que compreende o período de 1936 até 1967, com forte atuação dos intelectuais vinculados ao Movimento Moderno, sob a direção institucional de Rodrigo Melo Franco de Andrade; **b)** a fase de renovação institucional e intelectual, nas décadas de 1970 e 1980, mediante proposta implementada por Aloísio Magalhães, titular da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; **c)** o período de 1985 até 1995, marcado pela democratização nacional, quando despontam as melhores oportunidades para inserir uma visão metodológica que aproximeativamente as pessoas dos elementos preservados, garantindo a participação da população nas decisões referentes à gestão, ao planejamento e ordenamento do uso do solo urbano.

Em março de 1990, é criado o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural. Através de Medida Provisória n.º 610, de 08 de setembro de 1994, este órgão passa a ser denominado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com a mesma estrutura organizacional e as mesmas atribuições do antigo IBPC.

Foi no conjunto dos esforços realizados, em especial o dos intelectuais modernistas, de conhecer, compreender e recriar o Brasil, que se desenvolveu a idéia de proteção ao patrimônio. Ela se efetivou no governo de Getúlio Vargas [...] ao consagrar, pelo Decreto nº 22.928, de 12 de julho de 1933, Ouro Preto como “monumento nacional”, demonstrou conhecer o potencial simbólico dos bens culturais. (FUNARI & PINSKY, 2001, p. 20)

A preservação de qualquer coisa que não se referisse a barroco e colonial, com suas igrejas e santos tidos como sinônimo do verdadeiro *patrimônio* justificavam a prioridade dada aos remanescentes da arte colonial pela aceleração, (FARIA, 1995, p. 38).

Em 1933, Ouro Preto é elevada à categoria de monumento nacional (Decreto n.º 22.298, de 12 de julho), antes, portanto, da instituição do Decreto Lei N.º 25. Em 1938, são tombadas as ruínas das Missões Jesuíticas Guaranis, no Rio Grande do Sul e mais 291 bens, a

*maioria de arquitetura religiosa dos séculos XVI, XVII e, sobretudo, XVIII.* Esses primeiros tombamentos são fruto da urgência em proteger os monumentos nacionais ameaçados de desaparecimento e são precedidos de pesquisas históricas que buscam determinar a autenticidade das obras e sua importância para a formação da "identidade nacional".

É preciso que haja análise de alguns autores sobre a questão histórica do movimento de preservação e conservação no Brasil, nas próximas citações far-se-á claro essas indagações.

Nos anos 30 e 40 houve o início do movimento moderno na busca da conservação de nossa memória nacional e “nos anos 50 , [...] o edifício deixou de ser tratado isoladamente na cidade e os termos “ambiente urbano” e “preexistências ambientais” foram usados para entender o edifício integrado no contexto geográfico e urbano, assim como os edifícios entre si”, (ZANONI, 2000).

Curtis (1986), comenta que “no final da década de 60, uma crise estabeleceu-se a partir da destruição dos centros das cidades em todo o mundo, decorrente da especulação imobiliária e da construção de avenidas e arranha-céus”.

Na análise de Benévoli (1985, p. 172-176) “os anos 80 foram marcados pelo reconhecimento da necessidade de se conservar e reciclar as grandes estruturas recentes [...]”. E na próxima década nos anos 90, “o urbanismo contextualista buscou a retomada da qualidade do urbano através do retorno à sua complexidade. Através da interação das diversas funções urbanas, procurou-se articular ações específicas em locais específicos [...]” (AGUIAR, 1996).

Todavia, a Igreja de São Benedito localizada na comunidade tem seu valor reconhecido e protegida através da medida mais concreta para a proteção que é o Tombamento, que “consiste num registro do bem num livro de tombo, em cujas páginas ficam registrados os bens [...] sujeitos às leis de preservação e conservação do patrimônio, o que implica não poderem ser demolidos nem modificados em seu aspecto externo ou em suas características essenciais, [...] num raio de 300 metros, nada pode ser modificado” (BARRETO, 2000, p. 14).

Considera-se que o ato de tombar trata de conservar e manter os objetos, símbolos aonde o respaldo na comunidade, seja por desinformação, seja por desconhecimento tem sido o de considerar o valor técnico com características arquitetônicas e históricas da Igreja.

O desenvolvimento da imagem é um processo interativo entre observador e coisa observada, é possível reforçá-la através de

artifícios simbólicos e do reaprendizado de quem a percebe como através da reformulação de seu entorno. (LYNCH, 1997, p. 12)

O Decreto Lei Nº25, de 30 de novembro de 1937, no capítulo II, art. 4º, definiu os quatro livros do tombo, como segue:

- 1) Livro de Tombo Arqueológico e Etnográfico, correspondente às três primeiras categorias de arte, arqueológica, ameríndia e popular;
- 2) Livro de Tombo Histórico, correspondente à quarta categoria, arte histórica;
- 3) Livro de Tombo das Belas-Artes / Galeria Nacional de Belas-Artes, correspondentes as quinta e sexta categorias, arte erudita nacional e estrangeira;
- 4) Livro de Tombo das Artes Aplicadas/Museu de Artes Aplicadas e Técnica Industrial, correspondentes as sétima e oitava categorias, artes aplicadas nacionais e estrangeiras

O tombamento da Igreja de São Benedito foi efetivado pela lei municipal nº 3523 de 15/06/1996 (ver anexo D) e pela Resolução/SECE, de 07/05/1998 (ver anexo E) reconhecendo sua importância simbólica e histórica, pois segundo Camargo (2002, p. 29-30) “a preservação, a classificação ou o tombamento de objetos moveis e imóveis decorre do significado simbólico que atribuímos a eles. Todo e qualquer produto material das culturas humanas é dotado de uma funcionalidade, um fim para o qual é executado”.

Entende-se que o devido significado dado ao patrimônio cultural deve ser expresso por toda uma comunidade que induzida pela busca de seus valores sociais, culturais e até mesmo econômicos sejam os protetores e defensores de sua história retratada nos monumentos tangíveis e intangíveis. Segundo Lynch (1997, p. 90) "Quando uma história, um sinal ou um significado vêm ligar-se a um objeto, aumenta o seu valor enquanto marco".

O patrimônio cultural referenciado pelos elementos tangíveis – Igreja, sino e imagem de São Benedito – expressa o histórico e o território dessa comunidade, evidenciando pontos de inter-relação com a sociedade envolvente. Ao mesmo tempo, esse patrimônio referencia-se nos indissociáveis elementos intangíveis representados pelo conhecimento apreendido com os valores, práticas e história oral, assegurando a identidade da comunidade negra.

Nessa indissociável relação, o tangível somente pode ser interpretado por meio do intangível, conforme Cuéllar (1997, p. 259), cabendo observa-se que “[...] Na retórica e na prática [...], contudo, a noção de patrimônio tem estado limitada a dimensão tangível”.

Para Kayser (2000), o patrimônio é ao mesmo tempo material e imaterial: patrimônio construído e tradições orais, respectivamente.

A Igreja de São Benedito tem importância simbólica, pois foi construída para se pagar uma promessa: sua presença estrutural vem demonstrar que é um bem tangível e intangível. Os sentimentos que norteiam o espaço ocupado pela capela estão presentes nos moradores da comunidade, como um marco forte.

Em sua obra, Choay (2001, p. 206) discute que “a consagração [...] do monumento histórico [...] adquire a intensidade de uma presença concreta. [...] é instalado num passado definitivo e irrevogável, construído pelo trabalho conjunto da historiografia”

A comunidade São Benedito procura dar continuidade a um passado e requer que novos usos apontem e renovem seu contexto histórico, mantendo ainda sua importância, pois “espelhar-se no passado significa buscar raízes e olhar para o futuro e não simplesmente copiá-lo ou reproduzi-lo” (SIMÃO, 2001, p. 30).

Os sentimentos, os valores e os afetos, além de outras manifestações dão sentido a sensação de pertença ao lugar em que se vive. Le Bourlegat (2000, p. 18) analisa que esse “momento criativo da consciência emerge quando os indivíduos conseguem interpretar as raízes de sua cultura construída no lugar, nascida das relações profundas entre o homem e seu meio, para voltar-se a mudanças capazes de garantir a integridade coletiva”.

A imagem de madeira, a igreja e a festa compõem o patrimônio cultural da comunidade que integra parte da história de Campo Grande. Grande parte dos moradores desta cidade conhece a história ou parte da história desta comunidade, pois apontam a Igreja de São Benedito como referencial da comunidade negra e de potencial atrativo turístico local.

Nesta perspectiva, cabe salientar que segundo Choay (2001, p. 223), o “valor social do patrimônio é avaliado à luz de interesses imobiliários e turísticos cuja [...] a conservação viva dos conjuntos antigos é apresentada como um meio de lutar não apenas pela proteção de particularismos étnicos e locais, mas também contra o processo [...] de banalização [...] das sociedades e de seu meio”.

O turismo deve levar em conta a cultura local. Visitantes devem ter a oportunidade de desfrutar e conhecer a diversidade cultural da área visitada. O turismo deve servir como ponte entre culturas, possibilitando a interação de pessoas e enriquecendo os conhecimentos dos visitantes acerca das características culturais locais. O turismo deve ter um efeito positivo nas comunidades locais receptoras, pois os visitantes podem e devem mostrar aos moradores que vale a pena preservar áreas e monumentos históricos.

A inter-relação entre cultura e turismo é complexa. Em muitas situações, a indústria do turismo pode se relacionar com a indústria cultural em termos sócio-econômicos, defrontando-se com os impactos diretos e indiretos por ela gerada.

Essa complexidade de relação é discutida por Banducci (2001, p. 27-28) que “aponta para graves problemas sociais advindos do empreendimento turístico, tais como, prostituição, dependência econômica, desestruturação de valores e práticas culturais [...]”. O autor menciona ainda que “da mesma forma [...] percebem que o turismo não induz apenas a impactos negativos, mas pode trazer benefícios para as comunidades hospedeiras”.

Segundo Silva (2000) o turismo que considera a proteção do meio natural e social proporciona também a melhoria das condições de vida da comunidade envolvida. Essas interações entre homem e ambiente é objeto da filosofia e teologia, tanto no ocidente quanto no oriente (ALMEIDA JR., 1994).

Todavia, antes de qualquer discussão pertinente a turismo e cultura, objetivando Turismo Cultural, faz-se necessário um breve percorrer na história do turismo, tentando relacionar os motivos que levam o ser humano a se deslocar e ampliar seu campo de conhecimento.

Andrade (1992, p. 12) ressalta que é preciso lembrar dos três requisitos para refletir o fenômeno turístico, que são:

- ◆ Homem - autor do ato de viajar, o elemento físico;
- ◆ Espaço - movimentos, atos que ocupam este espaço e dão existência à viagem;
- ◆ Tempo - elemento determinante de qualquer ato que o ser vivo pratique.

A história do turismo se divide em quatro estágios cronológicos, conta-se o primeiro estágio como a “pré-história”, da era medieval ao início do século XVII, aonde os deslocamentos efetivados para guerras e lutas refletiam o espírito de aventura do homem, o mesmo necessitava ampliar seu campo de ação desse modo descobrindo novos destinos. As peregrinações a santuários sagrados também geravam movimentos periódicos. Os comerciantes estendiam suas riquezas a outros destinos. Para os estudantes, jovens aristocratas em busca do conhecimento, esses deslocamentos tinham, porém, o lado bom e o ruim, surgindo desse modo os impactos desse movimento.

O fenômeno do deslocamento turístico é discutido por Araújo (2002, p. 52-53) onde a “idéia de viajante são as expedições de descobertas de novos continentes, no século XVI [...] e as viagens do século XVIII [...] com ampliação do conhecimento [...]”. A mesma autora ainda relata que “ao longo dos séculos XVII e XVIII, e ainda no século XIX, somente

os muito ricos podiam exercer essa experiência de viagem [...] associada ao desejo de conhecimento [...]”.

O segundo estágio destaca o desenvolvimento industrial, ligado ao transporte, na era das ferrovias, devido à revolução tecnológica e industrial do final do século XIX, gerando uma expansão econômica, onde o trem substitui as diligências, trocando as estradas desconfortáveis pelos trilhos de ferro, onde navios movidos a vela, hoje são a vapor e a hélice. Isso ocasiona melhoria no transporte para os novos ricos, com mais sofisticação, conforto, segurança e rapidez. Surge o desenvolvimento urbano, mudança na aparência da cidade, com estruturas das construções em aço, inovações da engenharia. “[...] Não se pode esquecer que a produção do espaço é continua. Em cada momento histórico, dependendo das necessidades das matérias dos homens, do domínio de tecnologia, da organização social, o espaço é de tecnologia, da organização social, o espaço é (re) produzido de modo diverso” (ITO, 2000, p. 21).

Tem-se também o surgimento das fábricas, aumentando a riqueza e consequentemente mais viagens e mais tempo livre. “Esse processo de setorização e especialização urbana iniciada nas cidades do século XIX foi uma resposta dada pelo urbanismo para [...] os problemas originados pela revolução industrial” (AGUIAR, 1996).

Com tempo livre inicia-se um processo de deslocamento mais organizado e estruturado em termos sócio-econômico e cultural. Contudo, “os grandes movimentos turísticos [...] surgiram na medida que o capitalismo se desenvolveu [...] e ajudaram a fortalecer o turismo” (TRIGO, 1996, p. 17).

O terceiro estágio acontece no período entre - guerras de 1918 a 1939, durando 21 anos. Em 1914 ocorre a primeira guerra mundial, um período de recessão e uma ruptura da evolução até o ano de 1919. A expansão das rodovias e investimento na aviação são formas de desenvolvimento técnico, em detrimento das ferrovias. O turismo social tem aumento significativo, pois há aumento no número de camping, difusão de albergues, viagens ao exterior e transporte mais barato.

O quarto estágio ocorre no período pós - guerra de 1945 até hoje. A 2<sup>a</sup> revolução tecnológica e industrial ocasiona o turismo de massa: acontece a decolagem do turismo. Com o desenvolvimento industrial, tem-se mudança de hábitos das pessoas, pois, com mais horas e rendas extras existe mais tempo para o lazer e viagens para outros países. Os trens e ônibus perdem importância para carros e aviões. Com a expansão da aviação devido ao avanço da engenharia, o estilo de vida muda. Surgem novos destinos e, consequentemente, novas formas de turismo, levando a maiores investimentos no setor.

Para o período histórico efetivam-se colocações precisas a respeito dos movimentos sociais no mundo. Trigo (1996, p. 21) relata que:

Por isso, quando atualmente se analisa o fenômeno turístico, não se pode faze – lo fora de um contexto que envolve a cultura, as artes e o lazer, conjunto este inserido, por sua vez, na dinâmica e complexidade pós – industrial. A valorização que o turismo sofreu ao longo dos últimos anos faz parte de um processo social abrangente.[...]

A cultura, permeada pelos meios de comunicação de massa, internacionalizou - se.

Os ganhos que as pessoas obtém em decorrência desse processo histórico somam-se aos ganhos que o turismo proporciona aproximando as mais diversificadas culturas. Os deslocamentos facilitados pelas revoluções tecnológicas e industriais propiciaram ao ser humano o conhecimento sobre diferentes culturas.

A comunidade São Benedito valoriza os benefícios que o turismo pode trazer, ao mesmo tempo em que se preocupa com os pontos negativos deste fenômeno. Os moradores procuram descobrir na cultura afro-brasileira, elementos que dêem subsídios para se fortalecer cada vez mais como grupo étnico. Buscam se fortalecer na dança, na música, na culinária, no artesanato, através de cursos e palestras que a associação traz para a comunidade. E Banducci (2001) ressalva que “os valores e práticas culturais não são estáticos; a cultura se realiza como processo. [...], o grau de interferência da atividade turística numa dada comunidade, [...] está desagregando os valores e costumes da cultura local ou [...] as mudanças estão ocorrendo *sob pressão das circunstâncias* e a partir da própria dinâmica interna (da cultura)”.

Esse processo de interação entre turismo e cultura como patrimônio turístico e paisagístico, proteção e responsabilidade por danos, estão amparados na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no art. 24, VII e VIII:

Compete à União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar concorrentemente sobre: VII – proteção ao patrimônio histórico, cultural, artístico, turístico e paisagístico. VIII - responsabilidade por dano ao meio ambiente, ao consumidor, a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico.

E no art. 180:

A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios promoverão e incentivarão o turismo como fator de desenvolvimento social e econômico.

Os setores públicos e privados têm papel a desempenhar nesse sentido. O setor público promove e fomenta ações para o destino turístico, enquanto que o setor privado consolida a intermediação nos recursos culturais promovendo o serviço de apoio.

Autores definem e conceituam turismo de modo distinto. O turismo não pode ser provado como ciência, mas os teóricos concordam que “o turismo é um fenômeno extremamente complexo, mutável, que opera de múltiplas formas e nas mais diversas circunstâncias, sendo difícil apreendê-lo [...] por meio de uma única perspectiva teórica ou mesmo de uma única ciência” (BANDUCCI, 2001, p. 23).

O fenômeno do turismo abrange inúmeras relações que envolvem deslocamentos, transportes, infra-estrutura, hospedagem, alimentos e bebidas, planejamento, agências, animação e recreação, dentre outros. Esses elementos possuem características específicas dependendo do atrativo, bem como da demanda e da oferta destes atrativos. O deslocamento coloca o homem em contato com outras culturas.

Na relação social entre visitantes e população local, as práticas do processo de interação cultural devem ser analisadas, pois os “estudos sobre o turismo devem não apenas considerar o turista como um elemento em si mesmo, mas apreciar o turismo como uma rede de relações sociais culturalmente definidas” (ARAÚJO, 2002, p. 62).

A cultura pode ser analisada como um processo de saberes que aflora em uma determinada comunidade em momentos específicos, o que resulta em produtos com elevada carga simbólica. A elaboração requer princípios que somente esse grupo social comprehende e identifica. No entanto, deve-se:

Detectar que os saberes foram e são gerados numa determinada comunidade, como eles se manifestam ou não em produtos, e se estes produtos têm a eles agregada uma carga simbólica pela comunidade que a gerou. (GASTAL, 1998, p. 110)

A cultura transporta valores que comumente estão interligados ao comportamento do grupo. Cria-se um cenário cultural onde os atores são as comunidades locais e as platéias são os visitantes. Barreto (1991, p. 61) apresenta características dos legados turísticos culturais de referência histórica:

- ◆ são criados pelo homem com outra finalidade que não a turística;
- ◆ necessitam de conservação e preservação;
- ◆ se modificados, perdem seu valor;

- ♦ são de difícil identificação visto que quem determina o que é histórico ou não, tem critérios que nem sempre obedecem à mesma lógica;
- ♦ Uma vez identificados, o poder público preocupa-se com sua preservação.

A mesma autora ainda observa que os recursos culturais contemporâneos - obras de arte, museus, arquitetura, monumentos, etc - são criados pelo homem sem finalidade lucrativa e não exclusivamente para o turismo. Já os recursos turísticos culturais contemporâneos comerciais são aqueles criados para fazer parte do plano de desenvolvimento turístico de uma área como, por exemplo, parques, balneários, cinemas e teatros.

Toda pessoa é um visitante em potencial e o ser humano é dotado da busca pelo saber. Quando se conhece outras manifestações culturais - vida cotidiana, culinária, linguagem, danças, modo de vestir, etc - nosso poder de informação, de conhecimento e sabedoria se expande. Cada povo tem suas peculiaridades e códigos de comunicação. Nem mesmo a fotografia e as imagens gravadas em vídeo podem alcançar a totalidade da memória que se encontra registrado no mais íntimo de cada pessoa.

Conforme elucida Beni (1998, p. 37) “vale destacar que o turismo é um eficiente meio para promover a difusão de informação sobre uma determinada região ou localidade, seus valores naturais, culturais e sociais”. Em suas peregrinações o visitante procura autenticidade em outras épocas e em outros lugares, distanciados de sua vida cotidiana (BANDUCCI, 2001, p. 22).

Dessa forma, pode-se estimar que para o pleno desenvolvimento de sua identidade, a comunidade São Benedito necessita antes de tudo, reconhecer a sua origem, as relações de interculturalidade, sem que se perca características próprias do local, pois:

a questão da mudança cultural é uma preocupação presente nos estudos em antropologia do turismo [...] isso não deve necessariamente ser percebido apenas pelo ângulo do paradigma de aculturação, pois o seu inverso pode se sobressair com o surgimento de vários novos elementos culturais de caráter tradicional entre a população hospedeira. Não se trata de perceber a perda gradativa de uma cultura local, mas a etnicidade relacionada por entre fluxos translocais de cultura. (GRÜNEWALD, 2001, p. 127)

Contudo, é preciso se atentar para que o turismo não venha a mercantilizar a cultura local, transformando-a em objeto de consumo, ocasionando danos irreversíveis à identidade da comunidade receptora.

A dinâmica da cultura é o produto a ser assimilado e consumido. Gastal (1998, p. 111) observa que:

Cultura é um insumo turístico importante, mas é aquela cultura viva, praticada pela comunidade em seu cotidiano. Não é um espetáculo que inicia quando o ônibus dos visitantes chega, mas uma atividade que a comunidade exerce rotineiramente. Quando os visitantes chegarem, eles serão bem - vindos e convidados a juntos, dançar, saborear o pão, aplaudir o artista.

Simão (2001, p. 45) menciona que “um acervo cultural preservado pode abrir possibilidades econômicas, de desenvolvimento, e indicar alternativas de sustentabilidade local. O turismo apresenta-se hoje, como uma das principais atividades socioeconômicas que se compatibilizam com a presença do patrimônio cultural”.

Quando se identifica a comunidade São Benedito como afro-descendente, não se quer aqui evidenciar moldes no comportamento dos moradores, mas apenas enaltecer elementos identitários que os fortaleça de significados únicos no seu contexto local, no caso, comunidade de pessoas negras, em parte descendentes de uma ex-escrava, Tia Eva. Assim, a cultura passa a ser veículo de socialização entre visitantes e visitados, quando for um processo vivo de um fazer de uma determinada comunidade, na análise de Suzana Gastal.

Os atores da relação turismo e cultura são visitantes e visitados que trocam experiências.

No decorrer da pesquisa de campo, houve uma interessante observação nessa troca de experiência entre visitantes e visitados. Uma assistente social aposentada, Gisele Coupard, francesa, chegou à comunidade para conhecer a história local e também vivenciar o seu cotidiano. Em Salvador, participou de projetos da Ong Thydêwá - esperança da terra, que trabalha com índios; neste trabalho ficou sabendo da comunidade São Benedito e resolveu vir e conhecer esta comunidade negra. Nas palavras de Gisele, gravadas em entrevista para essa dissertação, ela relata que “faz um turismo social e cultural, pois procura participar de modo integrado nas comunidades que visita. Teve interesse em conhecer o Brasil pela composição étnica, pela população índia, em primeiro lugar, seguida pela população negra. A primeira referência que teve foi à Bahia, por conta da população negra que é muito grande. Finaliza a entrevista comentando que está indo embora, mas que em 2005 retorna para mais experiências”. Hospedou-se na casa de Neuza, bisneta de Tia Eva, permanecendo na comunidade por aproximadamente duas semanas, período em que visitou moradores, ensinou pintura às crianças da comunidade, aprendeu a fazer doces com dona Neuza. Gisele escreve

artigos para o Jornal francês “Le Nouveau Franc-Parler”, em que relata as experiências vividas no turismo cultural realizado pelo Brasil.

A comunidade São Benedito busca sua auto-identificação e ao mesmo tempo o reconhecimento de sua importância histórica, junto às pessoas que visitam o seu território. Os moradores locais acreditam que os visitantes que comumente circulam no bairro sabem pouco a respeito de toda sua história e procuram relatar cada período da história, desde a chegada da comitiva, a morte de Tia Eva, até as últimas realizações conquistadas na comunidade, no caso, a escola e o asfalto. Seu Michel, abre a capela e mostra a pequena imagem esculpida em madeira de São Benedito, o local onde se encontram os restos mortais da ex-escrava e continua a narrativa sobre as conquistas que ainda almeja alcançar para os moradores. Esse ato de contar a história a algum outro morador indica honra e satisfação em saber contar tal história. Os mais jovens também relatam, porém de modo mais resumido, pois esquecem alguns trechos que consideram sem interesse como, por exemplo, peculiaridades da elaboração da festa na época da Tia Eva, a Folia da Bandeira que acontecia até a década de 80, dentre outros.

## CAPÍTULO IV

### COMUNIDADE SÃO BENEDITO HOJE: RELIGIOSIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL

O desenvolvimento que houve na comunidade São Benedito está inserido no contexto de desenvolvimento local? A resposta desse questionamento será analisada no decorrer deste capítulo.

Entender desenvolvimento local implica em superar, no âmago de cada um de nós, o posicionamento utilitarista e a percepção de melhoria associada unicamente à expansão material. É preciso que haja efetivo interesse, disposição e disponibilidade das pessoas pelo enfrentamento dos problemas, numa perspectiva coletiva e não individualista.

O desenvolvimento na escala humana deve ser voltado à vida real e concreta. Observar sempre o que existe no local. O local é a realidade do pensamento e da ação; é a própria realidade que inclui a vida e o cotidiano.

Este novo paradigma de desenvolvimento se posiciona na mobilização comunitária, com base na participação ativa, fundada em uma nova ética de relação sócio – espacial. Participação, nesse caso, é uma conquista a ser empreendida individualmente. Deve existir solidariedade, laço entre pessoas ou grupos por interesses comuns, onde cada elemento se mobilize para apoiar o outro.

Pierson (1998), entende que solidariedade é o compartilhar sentimentos, atitudes de um grupo que resistem às forças exteriores opostas ao seu interesse.

A dimensão cultural dá coerência e finalidade ao desenvolvimento. Verhelst (1992, p. 201) considera que “em relação ao aspecto fragmentado das análises e ações, a perspectiva cultural encara a realidade de forma dinâmica [...], porque a cultura evolui, impulsionada pelas necessidades, desejos e objetivos externos”.

O aspecto de desenvolvimento local de uma sociedade pode estar ligado a raiz cultural.

A compreensão da relevância do patrimônio histórico-cultural é ressaltada por Correa (1985, p. 60) faz-se necessária “a explicitação de sua produção histórica, para o que se impõe a focalização das forças sociais que se envolveram em sua gênese e desenvolvimento”.

A noção da escala humana compreende observação da vida em seu entorno, dos problemas cotidianos, dos sentimentos, percepções e angústias. Durante a coleta de dados de campo, os parâmetros de cooperação, de emoção, de angústia e a escala do cotidiano foram observados e analisados pela pesquisadora.

#### **4.1. Entrevista comunidade São Benedito**

Na pesquisa com a comunidade São Benedito, os resultados referem-se às observações dos moradores em relação ao patrimônio, cultura e turismo, elementos em análise que podem estimular a realização de capacidades, competências e habilidades da comunidade, como característica de desenvolvimento local.

Nessa comunidade localizam-se 72 residências, em construções distribuídas nos lotes herdados pelos respectivos descendentes de Tia Eva. Muitas vezes, num mesmo lote foram instaladas de uma a quatro casas. Dentre as 72 residências, foram pesquisadas 68. Foram entrevistados os moradores acima de 20 anos de idade, abrangendo homens e mulheres, descendentes e não descendentes, considerando-se que assim haveria maior representatividade do pensamento local. As perguntas foram direcionadas ao delineamento do perfil sócio econômico e cultural de cada morador. Dentre as 105 pessoas entrevistadas, 30% estão na faixa etária de 20 a 30 anos. Os moradores mais antigos, que são os bisnetos ou tataranetos de Tia Eva, representam 19% do total, estando com idades entre 69 e 85 anos (ver tabela 01).

Tabela 01- Faixa etária dos moradores entrevistados

<b>Faixa etária</b>	<b>Freqüência</b>	<b>%</b>
20 a 30 anos de idade	31	29,52
31 a 40 anos de idade	20	19,05
41 a 50 anos de idade	22	20,95
51 a 60 anos de idade	12	11,43
Acima 60 anos de idade	20	19,05
	<b>105</b>	<b>100</b>

A maioria dos entrevistados reside na comunidade há mais de 30 anos; os que habitam menos de 05 anos são descendentes de Tia Eva que moram em outros bairros e localidades. Os que vieram de outros bairros da cidade pagavam aluguel e sendo descendentes possuem lotes na comunidade e consequentemente acharam melhor construir residências neles. Alguns moravam na comunidade, casaram com não descendentes e foram para outros locais. Porém, deixaram lotes na comunidade e, por motivos de doença, resolveram voltar por estarem mais próximos a assistência médica “situação que ainda está difícil de se alcançar em Furnas”, informaram os entrevistados que vieram dessa localidade (ver tabela 02).

Tabela 02 - Tempo de residência na comunidade

Tempo de residência	Freqüência	%
Menos de 5 anos	15	14,2
6 a 10 anos	21	20
11 a 15 anos	6	5,7
16 a 20 anos	12	11,4
21 a 30 anos	22	20,9
Acima de 30 anos	29	27,6
	<b>105</b>	<b>100</b>

No questionamento sobre a naturalidade dos moradores, 40% das respostas indicam serem naturais da comunidade, ou seja, moram nela desde que nasceram; 57% dos entrevistados nasceram em outros locais o que não significa que não sejam descendentes, pois muitos nasceram em outros bairros e vieram por inúmeros motivos já tratados anteriormente (ver tabela 03).

Tabela 03 - Naturalidade dos moradores

Naturalidade	Freqüência	%
Comunidade São Benedito	42	40
Outro	60	57,1
Não respondeu	3	2,8
	<b>105</b>	<b>100</b>

A pesquisa também questionou quantos eram os descendentes de Tia Eva. Dos entrevistados, 61% são descendentes e 39 % não descendentes (ver tabela 04). Os não descendentes são os entrevistados casados com descendentes de Tia Eva e também algumas famílias que compraram lotes de descendentes, questão também já discutida nesse trabalho.

Tabela 04 - Descendentes de Tia Eva.

Descendência	Freqüência	%
Descendente de Tia Eva	64	60,9
Não é descendente de Tia Eva	41	39,0
	<b>105</b>	<b>100</b>

Nesse contexto é preciso acrescentar que alguns moradores, num primeiro instante, respondiam que eram descendentes da ex-escrava; no entanto, quando se questionava o grau de parentesco, evidenciava-se que eram casados com um descendente, logo, se identificavam também como descendentes. Essa colocação é importante, pois tal fato foi evidente em muitas respostas, tão logo se verificava a confusão de pensamento, o entrevistado imediatamente dizia que não era descendente apesar de se identificar como tal; seus filhos, porém, eram descendentes, numa tentativa de marcar a identidade da família na pesquisa.

Existem formas de construção de identidade e uma delas é a identidade de resistência. A identidade de resistência é criada por atores em posição desvalorizada pela lógica da dominação, como por exemplo, as etnias, alguns grupos religiosos, etc. e este tipo de identidade é o mais importante em nossa sociedade, levando à formação de comunas, porém contendo o risco de fragmentar a sociedade em uma série de tribos

Para Castells (2000) as comunidades locais, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fontes específicas de identidade e tais identidades são reações defensivas contra as condições impostas pela desordem global e pelas transformações, incontroláveis e em ritmo acelerado [...]

Nesta perspectiva de entendimento referencia-se que a passagem do ‘abrigo’ defensivo para o ‘paraíso’ de uma estrutura social transformada pressupõe uma utopia coletiva capaz de abarcar corações e mentes das pessoas, e de projetar a comunidade no futuro.(Ortiz, 1997)

Elencadas na mesma linha de questionamento sobre a descendência era necessário avaliar o grau de parentesco dos descendentes (ver tabela 05). Então tem-se que 13% são tetranetos (as), 16% são bisnetos (as), o que está de acordo com o índice da faixa etária já analisada. Os tataranetos são os moradores na faixa de 35 a 50 aproximadamente, que sabem da promessa deixada por Tia Eva e estão empenhados na sua continuidade. Esses números são expressivos quando o suporte de identidade aparece como marca forte do grupo.

Tabela 05 - Grau de parentesco

Grau de parentesco	Freqüência	%
Neto/neta	2	1,9
Bisneto/bisneta	17	16,1
Tataraneto/tataraneta	34	32,3
Tetraneto/tetraneta	14	13,3
Não respondeu	38	36,1
	<b>105</b>	<b>100</b>

Nesse sentido, deve-se observar a dimensão humana, pois a valorização da pessoa é tratada numa perspectiva humanista no Desenvolvimento Local, tornando o sujeito efetivo do seu próprio destino, o que se constitui na colocação de Carpio (1999, p. 172) “protagonismo verdadeiro de cada pessoa”. Isso implica que cada morador tem um papel de agente na melhoria de qualidade de vida do grupo em questão”.

As mulheres são maioria na comunidade, totalizando 61% do total. Uma boa parte das entrevistadas exerce serviços de empregadas domésticas; algumas são manicuras, cabeleireiras, e outras são trabalhadoras do lar. Na visita *in loco*, durante a entrevista, mulheres relataram que procuram estar inseridas em todo curso oferecido na comunidade e ainda reivindicam mais cursos direcionados aos afro-descendentes, tais como cabeleireiro, danças, artesanato e culinária (ver tabela 06).

Tabela 06 - Gênero dos moradores

Sexo	Freqüência	%
Masculino	41	39,0
Feminino	64	60,9
	<b>105</b>	<b>100</b>

Elas afirmam que como são descendentes de Tia Eva desejam se identificar e referenciar na cultura afro-brasileira, como relata uma delas “se somos negras, descendentes de Tia Eva, podemos manter nossa cultura afro, como nas vestimentas, na culinária, ou em qualquer outro trabalho voltado ao negro; não podemos deixar que outras pessoas venham e tomem nosso lugar. Precisamos aprender e mostrar aos nossos filhos que nos fortalecemos enquanto cultura afro - descendente, né?”.

Para Verhelst (1992, p. 202) “a perspectiva cultural se identifica com a perspectiva humana em toda sua complexidade [...]. Respeitar uma cultura local é respeitar os homens e mulheres [...]. Insistir na dimensão cultural do desenvolvimento significa colocar o homem no centro de qualquer análise e iniciativa”.

Os homens são, na maioria, trabalhadores braçais; outros são marceneiros ou realizam serviços gerais como guardas noturnos ou auxiliares em fazendas. Alguns estão desempregados e/ou são aposentados (ver tabela 07).

Tabela 07- Profissão/ocupação

Profissão / ocupação	Freqüência	%
Trabalho braçal	21	20
Trabalho doméstico	45	42,8
Serviços gerais	18	17,1
Manicura, cabeleireira, barbeiro	3	2,8
Marceneiro	6	5,7
Aposentado	9	8,5
Estudante	2	1,9
Não respondeu	1	0,9
	<b>105</b>	<b>100</b>

Dentre os entrevistados, 81% responderam serem negros (ver tabela 08). Todavia, em alguns casos evidenciava-se que o entrevistado era mulato ou pardo. Outras vezes, o mesmo se auto-analisava e finalmente respondia: sou negro, numa preocupação em se identificar como parte deste grupo étnico e classificar-se nessa categoria. Nesse entendimento, ter a identidade negra sugere afirmar-se selecionando sinais como, por exemplo, cor da pele, pois “quanto mais marcas houver e quanto mais claramente [...] distinguirem os grupos, mais forte tenderá a ser a identidade étnica”, (TELLES, 1996, p.121).

Tabela 08 - O morador se intitula

Intitula-se	Freqüência	%
Negro	85	80,9
Mulato	2	1,9
Pardo	13	12,3
Branco	5	4,7
	<b>105</b>	<b>100</b>

Os moradores da comunidade São Benedito são pessoas que pouco acesso tiveram ao ensino formal. Do total de entrevistados, 79% têm somente o ensino fundamental e 16% o ensino médio. Questionando-se a facilidade do estudo já que a comunidade está localizada próxima ao centro da cidade e em seu entorno existem escolas, aqueles que pouco freqüentaram as escolas responderam que quando menores precisavam ajudar os pais e estudo não era prioridade; o máximo que aprenderam foi a escrita e a leitura. A porcentagem de pessoas que estão cursando o ensino superior ou já concluíram é mínima: apenas 4% (ver

tabela 09). Existem outros descendentes que tem curso superior, porém não residem na comunidade, não estão inseridos, portanto, na presente pesquisa.

Tabela 09 - Grau de escolaridade

Grau de escolaridade	Freqüência	%
Ensino fundamental	83	79,0
Ensino médio	17	16,1
Superior	4	3,8
Não respondeu	1	0,9
	<b>105</b>	<b>100</b>

Os moradores têm renda bruta mensal, predominantemente, na faixa de 100 a 300 reais, devido a fatores tais como grau de escolaridade, aposentados, trabalhadores braçais e trabalhadores domésticos, recebendo um salário mínimo (ver tabela 10)

Tabela 10 - Renda bruta mensal do morador da comunidade

Renda bruta mensal	Freqüência	%
Abaixo de 100 reais	25	23,81
Acima de 100 a 300 reais	61	58,10
De 301 a 500 reais	11	10,48
De 501 a 1000 reais	3	2,86
De 1001 a 2000 reais	1	0,95
De 2001 a 3000 reais	0	-
Acima de 3000 reais	0	-
Não respondeu	4	3,81
	<b>105</b>	<b>100</b>

A pesquisa evidenciou um histórico da comunidade São Benedito. Foram elencados quatro itens para que o entrevistado reconhecesse qual deles era um testemunho marcante da historia da comunidade e o por quê da escolha, neste questionamento cada entrevistado poderia indicar mais de uma resposta. Esses itens abrangeram as respectivas indicações: imagem de São Benedito (41 vezes), Igreja de São Benedito (68 vezes) (ver foto 07), festa (47 vezes) e o busto de Tia Eva (46 vezes) (ver tabela 11).

FOTO 07 – Igreja de São Benedito



FOTO de Eliane de Matos/maio/2004.

Não houve outro item indicado pela comunidade, que reconhece a Igreja de São Benedito como testemunho da história: os moradores acreditam que a Igreja seja realmente o bem concreto da promessa de Tia Eva. Muitos que indicaram a Igreja também referenciam a imagem, a festa e o busto, porém a igreja é o referencial não só da comunidade como para os moradores da cidade de Campo Grande, nas palavras dos entrevistados.

Tabela 11 - Testemunho marcante da história

Testemunho marcante	Freqüência	%
Imagen São Benedito	41	39,0
Igreja São Benedito	68	64,7
Busto Tia Eva	46	43,8
Festa São Benedito	47	44,7
Outro	0	0
	<b>202</b>	<b>192,2</b>

A religiosidade tem como referência para a comunidade, a Igreja de São Benedito; que de acordo com Rosendhal (2002, p. 35) “cada comunidade acorda o espaço à sua maneira, de forma a constituir um ponto fixo em que ela se confina, onde ela reencontra suas lembranças”.

A maioria dos entrevistados soube apontar fatos reais relativos à chegada de Tia Eva em Campo Grande. Os que não conseguiram definir são moradores que vieram de outras localidades. Dentre as quatro respostas relativas à chegada de Tia Eva, as duas primeiras são verdadeiras e as duas últimas são falsas (ver tabela 12). Em alguns momentos da entrevista alterou-se a ordem das perguntas, pois muitas vezes as entrevistas aconteciam em uma residência onde todos os seus moradores estavam ao mesmo tempo. Ficou evidente o conhecimento da origem da comunidade: apenas 17% responderam incorretamente.

Tabela 12 - Aspectos da história da comunidade

<b>História da comunidade</b>	<b>Freqüência</b>	<b>%</b>
Chegada Tia Eva 1905/construção igreja	87	82,8
Fugida da Bahia / nascimento Tia Eva	18	17,1
	<b>105</b>	<b>100</b>

Segundo Camargo (2002, p.25 - 26) “o nexo [...] está em conhecer o sentido da sua construção histórica para apreender o seu significado simbólico”. O mesmo autor observa ainda que “o que é importante, no entanto, é entender que recuamos ao passado tentando compreende - lo para podermos entender o presente. Desta maneira, a historia funciona como um instrumento para viver, ao menos, mais conscientemente o presente. E é o presente que coloca indagações ao passado”.

Segundo Funari e Pinsky (2001, p. 18),

a memória social será tão mais significativa quanto mais representar o que foi vivido pelos diversos segmentos sociais e quanto mais mobilizar o mundo afetivo dos indivíduos, suscitando suas lembranças particulares. Nestas, e só nestas, alcançado pelo sentimento e sustentado pela sensação, o passado é reconstruído plenamente.

Os moradores também responderam o que entendem por patrimônio cultural. Nessa questão havia uma resposta correta e duas incorretas e novamente a pesquisadora usou a estratégia da questão anterior, sendo necessário à alteração das perguntas. Neste item 80% responderam corretamente; os que não acertaram não sabiam ou ficaram indecisos e optaram pela resposta equivocada. Na resposta correta há uma palavra que foi primordial na escolha de muitos entrevistados, a palavra herança cultural (ver tabela 13).

Tabela 13 - Entendimento a respeito de patrimônio cultural

Patrimônio Cultural	Freqüência	%
Manifestação cultural da elite	5	4,7
Legado cultural, memória da comunidade	85	80,9
Bem que pode ser tombado	7	6,6
Não respondeu / não soube responder	8	7,6
	<b>105</b>	<b>100</b>

Entre 1998 e 2003, aconteceram algumas mudanças na comunidade São Benedito, dentre as quais destacam-se as construções da escola e da creche, asfalto na rua principal (ver foto 08), reforma do salão da associação, adaptação de uma lombada eletrônica. Desse modo, uma questão aborda essas mudanças ocorridas, no intuito dos entrevistados analisarem aspectos positivos ou negativos de *cada* mudança.

FOTO 08 - Rua Eva Maria de Jesus (principal) asfaltada



FOTO de Eliane de Matos/maio/2004.

Dos itens apresentados, o último item ficou em aberto para que os moradores indicassem alguma outra mudança ocorrida. As mudanças foram apontadas como aspectos positivos, porém poucos indicaram a reforma do salão e o asfalto como aspecto negativo, pois não acharam necessária a reforma e o imposto que agora pagam pelo asfalto é elevado e isso representa um grande diferencial no orçamento ao final do mês (ver tabela 14).

Tabela 14 - Avaliação do morador a respeito das mudanças ocorridas entre 1998 e 2003.

<b>Creche/escola</b>	<b>Freqüência</b>	<b>%</b>
Positivo	100	95,2
Negativo	2	1,9
Não respondeu	3	2,8
	<b>105</b>	<b>100</b>
<b>Asfalto</b>		
Positivo	94	89,5
Negativo	9	8,5
Não respondeu	2	1,9
	<b>105</b>	<b>100</b>
<b>Reforma salão da Associação</b>		
Positivo	92	87,6
Negativo	10	9,5
Não respondeu	3	2,8
	<b>105</b>	<b>100</b>
<b>Lombada eletrônica</b>		
Positivo	98	93,3
Negativo	4	3,8
Não respondeu	3	2,8
	<b>105</b>	<b>100</b>
<b>Outros</b>		
Positivo	0	0
Negativo	0	0
Não respondeu	105	100
	<b>105</b>	<b>100</b>

Dentre as mudanças, a construção da escola (ver foto 09), foi o item mais apontado como fator positivo, pois muitas crianças estudavam em bairros afastados e, muitas vezes, não freqüentavam a escola por terem de se deslocar a outros bairros, e mesmo as mães que não tinham onde deixar suas crianças para trabalhar e até mesmo estudar.

Hoje, alguns moradores ainda têm que se deslocar a outros bairros para estudar e deixar seus filhos, pois, a escola e a creche não têm capacidade para todos. Todavia, no geral, consideraram positivas todas as mudanças (ver tabela 15).

Ainda sobre as mudanças ocorridas, os moradores apontaram o que esperam para o futuro na comunidade. Eles esperam maior união, áreas de lazer, posto de saúde, posto policial, farmácias, cursos, dentre outros, (ver tabela 16). Para Dowbor (1997) a idéia de desenvolvimento deve ter como ponto central "o ser humano e os "interesses coletivos da maioria" e envolve "qualidade de vida, socialização do poder, acesso aos serviços públicos [...].

FOTO 09 - Escola Estadual Antonio Delfino Pereira concluída



FOTO de Eliane de Matos/maio/2004.

A comunidade indicou o que a mesma tem para mostrar ao turista que chega à comunidade. A resposta aos itens indicados vem de acordo com o que a comunidade reconhece como testemunho de sua história, ou seja, a Igreja de São Benedito juntamente com o sino de bronze (ver tabela 17).

Tabela 15 - Desenvolvimento na comunidade

<b>Desenvolvimento na comunidade</b>	<b>Freqüência</b>	<b>%</b>
Creche escola	11	10,4
Asfalto	5	4,7
Reforma do salão da associação	0	0
Lombada eletrônica	0	0
Outros	3	2,8
A combinação de todos	78	74,2
Não respondeu	8	7,6
	<b>105</b>	<b>100</b>

Para Boisier (2001, p. 25) “los diversos capitales intangibles que generan en definitiva el desarrollo [...] debe ser realizado en forma endógena [...] con capacidad regional para retener y reinvertir in situ parte de su propio excedente, para generar sus propios impulsos de innovaciones [...] con la cultura, generadora de la indispensable identidad [...]”.

Tabela 16 - O que o morador espera de mudança para o futuro

Espera para o futuro	Freqüência	%
Posto de saúde	11	10,4
Posto policial	6	5,7
Farmácias	2	1,9
Supermercado	4	3,8
Asfalto	12	11,4
Praça e lazer	13	12,3
Curso de qualificação	12	11,4
União entre os moradores	28	26,6
Não respondeu	17	16,1
	<b>105</b>	<b>100</b>

A comunidade sabe que a Igreja é o marco para que o turismo aconteça de modo organizado e estruturado. As mulheres reivindicam cursos de qualificação no intuito de mostrar ao visitante que elas dominam alguns traços da cultura afro. Com as visitações que ocorrem na comunidade, os moradores observam que isso pode lhes trazer reconhecimento e valorização do grupo. Choay (2001, p. 237) analisa que “com efeito, quer se trate das funções econômicas e dos recursos de entretenimento oferecidos pelo patrimônio na sociedade de lazer, quer se trate de valores [...] nenhuma das motivações [...] reconhecidas ou reivindicadas permite interpretar o fervor com o qual o culto patrimonial é celebrado e se difunde [...]”.

Tabela 17 - O que a comunidade tem a mostrar ao turista

Vitrine turística	Freqüência	%
Igreja e sino de bronze	69	65,7
Festa de São Benedito	10	9,5
Busto de Tia Eva	13	12,3
Casa residencial	0	0
Culinária	1	0,9
Lembranças da comunidade	5	4,7
Outros	3	2,8
Não respondeu	4	3,8
	<b>105</b>	<b>100</b>

A comunidade espera que o turismo divulgue sua história e valorize-a perante a comunidade, ao mesmo tempo em que espera que com o turismo haja melhorias na infra-estrutura bem como recursos financeiros.

No entanto, cabe salientar que a cultura inspira estratégias de resistência. Essa resistência a tudo aquilo que é de fora que se considera nocivo e inaceitável é salutar ao

equacionamento em prol do desenvolvimento harmonioso de qualquer comunidade (ver tabela 18).

A transição para uma sociedade sustentável é um problema de tomada de consciência que começa na mudança interna das pessoas, nos sentimentos de solidariedade, no amor político pela sociedade, um novo pacto do ser humano com todos os demais seres, [...] (JARA, 1999).

Tabela 18 - O que espera do turismo

Espera do turismo	Freqüência	%
Divulgação da história da comunidade	33	31,4
Recursos financeiros	17	16,1
Melhoria da infra-estrutura	24	22,8
Outros	0	0
Todos	27	25,7
Não respondeu	4	3,8
	<b>105</b>	<b>100</b>

A comunidade não pratica uma culinária tipicamente afro-brasileira, sua alimentação diária é baseada em feijão, arroz, carne e salada. Alguns se alimentam somente de arroz, feijão e salada, porém comem carne quando resta algum dinheiro, segundo os entrevistados (ver tabela 19).

Tabela 19 - Alimentação diária do morador da comunidade

Alimentação diária	Freqüência	%
Arroz, feijão, farinha, ovos	3	2,8
Arroz e feijão	3	2,8
Arroz, feijão e carne	12	11,4
Arroz, feijão, carne e salada	76	72,3
Arroz, feijão e salada	8	7,6
Comida típica afro	0	0
Não respondeu	3	2,8
	<b>105</b>	<b>100</b>

O meio de transporte mais utilizado pelos moradores é o ônibus, seguindo-se o uso de bicicletas, dependendo do lugar para onde se deslocam, existem poucos que possuem carro próprio o que vem novamente a confirmar a situação econômica dos moradores o que é condizente com a profissão e ocupação elencadas nesta pesquisa (ver tabela 20).

Tabela 20 - Meio de transporte que o morador utiliza

Meios de transporte mais utilizado	Freqüência	%
Bicicleta	23	21,9
Onibus	64	60,9
Carro próprio	9	8,5
Caminhando	5	4,7
Outro	0	0
Não respondeu	4	3,8
	<b>105</b>	<b>100</b>

#### 4.2 - Entrevista com representantes do Turismo, Cultura e IPHAN.

No mundo local, onde a comunidade ainda é comunidade, ainda existem realidades sociais, historicamente determinadas, caracterizadas pela ação conjunta, redes de sociabilidade afirmadas na reciprocidade e cooperação, esperança no outro, homogeneização de interesses em torno de reivindicações e demandas coletivas, emocionais coletivos solidários, identidades, relacionamentos não competitivos, sujeitos históricos que revelam sentimentos [...]. (JARA, 1999)

A contribuição de órgãos ligados ao Turismo, Cultura e IPHAN do município de Campo Grande demonstra qual a visão que seus representantes têm desta comunidade. A entrevista teve início obedecendo a seguinte ordem: Maria Margareth Escobar Ribas<sup>8</sup> - Diretora do IPHAN/MS; Américo Ferreira Calheiros - Presidente da Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer e Maritza Camargo - Diretora do departamento de turismo. As respectivas entrevistas aconteceram em dias e horários alternados de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado para essa pesquisa. As perguntas seguiram um roteiro pré-estabelecido no intuito de se analisar respostas diferentes, de representantes de órgãos diferentes sobre um mesmo tema, no caso, a comunidade São Benedito.

Para melhor abordagem e visualização as respostas serão expostas seguindo a ordem de entrevistas de cada um. Nessa forma, o primeiro questionamento era para analisar se os representantes destes órgãos tinham conhecimento da história da comunidade São Benedito. Nas respostas obtidas dos três entrevistados, dois conhecem a história de modo bem sucinto e apenas o senhor Américo pôde dar uma resposta mais completa sobre a história já que o mesmo tem uma ligação direta com a comunidade, por ser representante da cultura no município de Campo Grande, esses apontamentos podem ser observados nas respostas abaixo.

<sup>8</sup> Maria Margareth Escobar Ribas entrevistada no dia 20.04.2004; Américo Ferreira Calheiros entrevistado no dia 26.04.2004 e Maritza Camargo entrevistada no dia 05.06.2004. As entrevistas estão gravadas em fitas cassetes e se encontram com a pesquisadora.

1<sup>a</sup>. Maria Margareth Escobar Ribas - coloca que conhece parte da história da comunidade e da igreja.

2<sup>a</sup>. Américo Calheiros - observa que conhece a história e retrata que a primeira manifestação escrita na imprensa de Campo Grande foi feita através de um artigo dele, obtendo informações junto à própria comunidade a respeito da ex-escrava que fundou aquela comunidade e através de senhor Sérgio.

3<sup>a</sup>. Maritza Camargo - comenta que conhece um pouco da história, pois se fazem representar junto ao Departamento de Turismo na Festa das Nações.

A entrevista continua questionando se tais órgãos possuem documentos que comprovem a existência da ex- escrava conhecida como Tia Eva. Lembrando que, durante a presente pesquisa não encontrou documentos além da certidão de óbito que viessem a enriquecer e contribuir para a comprovação da existência de Tia Eva.

1<sup>a</sup> Maria Margareth Escobar Ribas- relata em seu órgão não possui qualquer documento.

2<sup>a</sup>. Américo Calheiros - observa que no Arquivo Histórico de Campo Grande - ARCA, uma das unidades da Funcesp, pode se encontrar algum documento a respeito da comunidade. No entanto, acredita que não seja um material tão aprofundado decorrente a escassez dos documentos desta comunidade na cidade.

3<sup>a</sup>. Maritza Camargo - observa que não possui documentos referentes a comunidade

Faz-se necessário saber na opinião dos entrevistados qual o significado da comunidade São Benedito para a cidade de Campo Grande. Os mesmos vêem a comunidade como um diferencial no município no tocante ao aspecto turístico cultural.

1<sup>a</sup>. Maria Margareth Escobar Ribas - acredita que a comunidade contribui para a colonização do município somando as diversas etnias hoje existentes aqui, ou seja, a comunidade negra começada pela presença da Tia Eva, faz parte da nossa cultura da miscigenação do povo sulmatogrossense

2<sup>a</sup>. Américo Calheiros - analisa que a comunidade São Benedito é aquela que dá mais visibilidade a questão das comunidades negras dentro do município de Campo Grande. A comunidade São Benedito por ser mais conhecida dentro da cidade tem importância primordial por ter alavancado da questão da sociedade negra e assim passaram a ser motivo primeiro na discussão do negro da presença do negro na cultura nacional.

3<sup>a</sup>. Maritza Camargo - a resposta deste está inserida na resposta posterior.

Os entrevistados também puderam manifestar sua opinião sobre qual o significado da comunidade São Benedito para os visitantes que chegam a cidade de Campo Grande.

1<sup>a</sup>. Maria Margareth Escobar Ribas- analisa que se tivesse uma divulgação maior a comunidade teria uma importância muito mais relevante do que hoje é. Pois, os visitantes teriam mais um instrumento de conhecimento da nossa cultura.

2<sup>a</sup>. Américo Calheiros - observa que do ponto de vista turístico a comunidade deveria se aprimorar para que pudesse proporcionar ao visitante uma visão mais ampla da história da Tia Eva.

3<sup>a</sup>. Maritza Camargo - comenta que o significado nesse contexto é o resgate da cultura negra, da cultura afro-brasileira que se instalou em Campo-Grande.

Todavia, foi questionado se a comunidade reivindica algo para tais órgãos, se há alguma reivindicação por parte da comunidade.

1<sup>a</sup>. Maria Margareth Escobar Ribas- relata que ainda nada foi solicitado. E considera que seria importante o IPHAN estar atuando junto a essa comunidade para ressaltar o valor cultural que ela representa.

2<sup>a</sup>. Américo Calheiros - a comunidade apresentou a reivindicação da ampliação do barracão (salão de festas), pavimentação da rua principal. As reivindicações são atendidas na medida da possibilidade orçamentária do município. E na época dos festejos a comunidade procura a Funcesp que participa todos os anos em todos esses momentos.

3<sup>a</sup>. Maritza Camargo - comenta que para o Departamento de Turismo nunca houve nenhuma reivindicação. O que o órgão atende é no período da Festa das Nações, mas aí se atende as reivindicações da colônia que se faz presente na Festa e não especificamente para a comunidade São Benedito.

Como a comunidade representa valor cultural na opinião dos entrevistados, foi questionado se o Poder Público auxilia a comunidade de que forma isso acontece e quais são as estratégias de preservação da Igreja de São Benedito.

1<sup>a</sup>. Maria Margareth Escobar Ribas - relata que a Igreja já está tombada a nível estadual e municipal, porém, não está tombada em nível federal. Analisa que esses tombamentos já são alguns instrumentos de valoração da comunidade e também da edificação existente lá.

A Maria Margareth menciona na entrevista as manifestações culturais (atividades desenvolvidas lá), no entanto, durante a pesquisa os moradores entrevistados reivindicaram cursos de qualificação para que pudesse se valorizar enquanto pessoas afro-descendentes, as mulheres, no caso, querem aprender culinária típica, forma de penteados, danças e outras manifestações que sejam de origem afro. As tentativas de manifestações culturais precisam ser resgatadas, para que o IPHAN possa atuar de modo mais expressivo no local.

2<sup>a</sup>. Américo Calheiros - entende que a Igreja é uma construção bem singela, bem pequena, bem simples e não é difícil de ser conservada, tanto é que esta conservada. Neste sentido se deve uma reverencia a comunidade que tem sabido preservar esse bem. É um espaço tombado onde se reconhece através desse tombamento a importância cultural e histórica daquele bem, ou seja, um caminho a ser observado e seguido por outras comunidades nesse aspecto.

Nessa observação de Américo Calheiros se enfatiza a dimensão das relações sociais dos moradores, nesse contexto, cabe ainda mencionar que as estratégias de preservação acontecem ao longo de tantos anos.

A evolução que marca as etapas do processo [...] das relações sociais marca, também, as mudanças verificadas no espaço geográfico, tanto morfologicamente, quanto do ponto de vista das funções e dos processos. É assim que as épocas se distinguem umas das outras (SANTOS, 2002)

3<sup>a</sup>. Maritza Camargo - comenta que a Igreja é patrimônio tombado. No que se refere ao turismo o Departamento de Turismo colocou a comunidade no sistema de sinalização turística, aonde a comunidade é indicada através das placas de sinalização

Foram questionados sobre o que na opinião deles a comunidade tem feito para manter e preservar a manifestação cultural.

1<sup>a</sup>. Maria Margareth Escobar Ribas- observa que pelo tanto que a comunidade está persistindo e o fato de estar ainda viva, essa cultura é basicamente pela própria comunidade que esta preocupada em manter o seu ritual, sua cultura, suas características e acha que o mérito de sua existência ainda é só da comunidade. Por que a comunidade externa, a cidade, não tem envolvimento e participação com a preservação da cultura da comunidade.

2<sup>a</sup>. Américo Calheiros - entende que há iniciativas, mas que poderia ser mais aprofundada e trabalhada. Algumas manifestações sobreviveram ao longo desses anos, no entanto, analisa que a Festa poderia ser mais concentrada menos dias, pois com tantos dias acaba diluindo um pouco a divulgação por conta do excesso de dias, mas como é a comunidade quem decide há que se respeitar essa estrutura que eles têm.

3<sup>a</sup>. Maritza Camargo - observa que comunidade esta sempre promovendo atividades, sempre enaltecedo a cultura, resgatando a cultura. Na Festa das Nações a comunidade faz um trabalho excelente para difundir a cultura negra aqui em Campo Grande.

Em tempo é necessário se atentar para o capital cultural que é o resultado das tradições, idioma, crenças, as relações sociais históricas, formas de produção e produtos

imateriais (literatura, pintura, dança, música etc.), materiais próprios e específicos de uma comunidade. Para Kliksberg a cultura é um fator decisivo de coesão social. Nela as pessoas podem reconhecer-se mutuamente, crescer conjuntamente e desenvolver a auto-estima coletiva. "Al desvalorizar su cultura se está en definitiva debilitando su identidad y una identidad golpeada genera sentimientos colectivos e individuales de baja autoestima" (KLIKSBERG, 1999, p. 98.)

Como acontece a divulgação da Festa de São Benedito e que tipo de divulgação é feita. Essa foi o último questionamento aos representantes dos órgãos.

1<sup>a</sup>. Maria Margareth Escobar Ribas - acredita relata que existe uma divulgação e que a mesma deva se estender aos demais municípios.

2<sup>a</sup>. Américo Calheiros - coloca que a Funcesp participa da maneira que a comunidade entende, até por que a Festa é estruturada pela comunidade, é dirigida pela comunidade. Dentro a lista de reivindicações solicitadas são escolhidas aquelas que se pode participar em termos de infra-estrutura e também de atrações.

3<sup>a</sup>. Maritza Camargo - o Departamento de Turismo divulga através do calendário de eventos, os eventos que acontecem na comunidade são cadastrados e divulgados.

O reconhecimento que a comunidade quer como sendo uma comunidade negra e com uma história a ser preservada e respeitada por todos que a visitam, requer um desabrochar de seus atores locais, pois o verdadeiro desenvolvimento requer a participação efetiva do local, aflora, sobretudo pela vontade e desejo do local. Para Ávila, deve a comunidade local revelar suas capacidades e competências e habilidades de agenciamento das próprias condições e qualidade de vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa realizada procurou diagnosticar o desenvolvimento na comunidade São Benedito, a partir da referência de valores culturais e suas manifestações, em especial a religiosidade, tentando relacionar turismo cultural e perspectivas de desenvolvimento local.

Evidenciada nas palavras dos entrevistados durante a pesquisa de campo o incremento da infra-estrutura, tais como asfalto e edificação da escola, efetivaram em parte, melhoria na condição de vida na comunidade. No entanto, necessita-se de outras ações e principalmente maior união para que os mesmos possam se reconhecer como grupo e alimentar as referências de identidade local.

Representantes de instituições que respondem pelas atividades do turismo e cultura observaram que conhecem parte da história da comunidade São Benedito. Acreditam que os próprios moradores são incentivadores da manutenção da tradição da reza e da Festa. Sem o interesse e relação afetiva da comunidade com a igrejinha, não adiantaria a recuperação e reforma dessa obra realizada por órgãos públicos.

Essas instituições devotam uma atenção especial à comunidade, assim como realizam-se estudos universitários no local, um dos quais resultou na elaboração do busto de Tia Eva.

A presente pesquisa pretendeu realizar um diagnóstico acerca da formação cultural do local. Os moradores apontaram como condicionantes para o desabrochar de suas potencialidades, o aprendizado da dança, culinária, vestimenta, dentre outros elementos da cultura afro-brasileira. Nesse aspecto, questiona-se aqui se esses elementos são realmente fundamentais para o desenvolvimento local, na dimensão territorial e no espaço onde os processos produtivos e cooperativos acontecem no cotidiano dessa comunidade.

O capital humano aflora nos conhecimentos e habilidades que as pessoas da comunidade São Benedito possuem e que vão sendo dinamizadas ao longo do tempo.

No sentido de comunidade há que se ter um elo de ligação do todo somado às suas partes. Nesta pesquisa observou-se que a comunidade possui uma relação social

manifestada no sentimento de pertencimento afetivo, tradicional ou por vezes periódico, mas o que importa é integrar o mesmo grupo de todos os tempos.

Essa pesquisa abrangeu aspectos do processo histórico local. Observa-se, entretanto, a necessidade de novos estudos para o aprofundamento historiográfico, inclusive para a comunidade se (re)conhecer e subsidiar a ampliação de suas referências de origem.

O turismo deve mostrar a cultura local, apresentando os atores do lugar e sua história, origem, organização social, política e econômica tudo evidenciado naquilo que é, ou seja, em sua originalidade. Caso contrário, o produto turístico é forjado para agradar o visitante que, muitas vezes, chega para somar conhecimento. Esse contato entre visitante e visitado é importante, mas é preciso que se atente para que, nesse processo de aproximação de valores culturais, não haja empobrecimento nas respectivas identidades culturais.

A nosso ver, a comunidade São Benedito necessita conhecer mais acerca de sua própria história, além dos relatos orais relativos à vida e vida de sua fundadora. Há a necessidade de praticar manifestações oriundas do modo de vida do negro do nordeste ou do sudeste, sem antes sublinhar a cultura do negro da comunidade São Benedito? Ao se buscar referenciar outras manifestações de vestimentas, danças e culinária, de origem afro-brasileira, corre-se risco de perda da originalidade das práticas locais. Faz-se necessário enxergar o potencial existente e procurar rever essa potencialidade no sentido de oferecer esse olhar ao outro.

O modo de ser do negro desta comunidade é que será, para o turismo, o primordial. O modo de vida ali existente é um diferencial, pois, geralmente, o turista percebe quando não há substância histórica numa manifestação cultural visitada. Da observação das práticas cotidianas emerge a visibilidade das práticas tradicionais. Em conjunto, para que o turismo seja mais bem estruturado são necessários equipamentos turísticos para dar suporte ao visitante no local.

O turismo cultural aponta para elementos que não sejam rotulados e na maioria das vezes, o produto cultural originado nas comunidades tem se transformado no turismo industrializado da cultura. Exemplo disso são os carnavais fora de época trazidos do Estado da Bahia a várias cidades do Brasil, destoando da originalidade das manifestações locais.

Considera-se nesta pesquisa que o termo desenvolvimento local poderia ser sintetizado como manifestação de capacidades, competências e habilidades da comunidade em questão, para agenciar e gerenciar seu próprio desenvolvimento, com ajuda de um ambiente cooperativo e solidário, mediante o aproveitamento de potencialidades próprias combinadas com experiências externas incorporadas coletivamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Douglas. *A construção da cidade no ensino de arquitetura*. Porto Alegre: UFGRS, 1996 (mimeo).

ALBAGLI, Sarita. *Globalização e espacialidade*: o novo papel do local. In: CASSIOLATO, José E.; LASTRES, Helena M. Martins. *Globalização e inovação localizada*: experiências de sistemas locais no Mercosul. Brasília: IBICT, 1999. (mimeo)

AMARAL, Guanaira; VILA NOVA, Sebastião. *Economia política do conhecimento* - sua importância para o conceito de cultura. In: Ciência & Trópico, vol. 21, nº , jul./dez. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1993.

AMORIM, C. R. (org.). *Negros do Ribeira*: reconhecimento étnico e a conquista do território. São Paulo: ITESP, 1998.

ANDRADE, José Vicente. *Turismo*: fundamentos e dimensões. São Paulo: Ática, 1992.

ARAÚJO, Silvana Miceli. *Artifício e autenticidade*: o turismo como experiência antropológica. In: Barreto, Margarita; Banducci Jr., Álvaro. *Turismo e identidade local*: uma visão antropológica. Campinas: Papirus, 2001.

AROCENA, José. *El desarollo local*:um desafio contemporâneo. Montevideo: Santilana,2001.

ÁVILA, Vicente Fideles. *Formação educacional em desenvolvimento local*:relato de estudo em grupo e análise de conceitos. Campo Grande: UCDB, 2001.

BACAL, Sarah S. & MIRANDA, Sonia M. A. *Impacto do Turismo nos núcleos receptores*: necessidade de normatização. In: RODRIGUES, Adyr A. B. *Turismo Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARRETO, Margarita. *Turismo e legado cultural*: as possibilidades do planejamento. Campinas:Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. *Planejamento e organização em turismo*. Campinas: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. BANDUCCI JR, Álvaro. *Turismo e identidade local*: uma visão antropológica. Campinas: Papirus, 2001.

\_\_\_\_\_. Apud PAIVA, Maria das Graças de Menezes. *Sociologia do turismo*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BENEVOLO, Leonardo. *Último capítulo da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo*. 2ed. São Paulo: SENAC, 1998.

BOISIER, Sergio. Sociedad Del conocimiento social y gestión territorial. In: Interações. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande: UCDB, v.2, n 3, set. 2001.

BRASIL. Constituição, 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal/ Centro Gráfico, 1988.

BRITO, Raimunda Luzia. *A comunidade São Benedito e a Questão Racial*. Franca , 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade estadual Paulista “Júlio de Mesquita filho” .

BUARQUE, Sérgio C. *Metodología de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável*. Brasília, 1998.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

CARPIO, José , BOURLEGAT, Cleonice A., MARTINS, Sérgio Ricardo O. Los retos del Mato Grosso do Sul: entre la globalización y el desarrollo local. In: MARQUEZ, D. (Coord). *Territorio y Cooperación*. Sevilha: AGEAL/Universidade de Sevilha, 1999.

CARVALHO, José Jorge. *Quilombos: símbolo de luta pela terra e pela liberdade*. In : Cultura Vozes. Rio de Janeiro, v. 91, n.05, set/out. 1997.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura - a sociedade em rede*. 2 ed.. São Paulo:Paz e Terra, 2000.

CASTILHO, Maria Augusta. *Roteiro para elaboração de monografia em ciências jurídicas*. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. 3 ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHOAY, Françoise A. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/ UNESP, 2001.

CONGRO, Rosário. *O município de Campo Grande*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2003.

CONTAR, Edson Carlos. *Das margens do Prosa ao Bar do Zé*. Campo Grande: Funcesp, 2002.

CUÉLLAR, Javier Perez. *Nossa diversidade criadora.* Brasília: UNESCO/MEC/Papirus, 1997.

CUSTODIO, Helita Barreira. *As normas de proteção ao patrimônio cultural brasileiro em face da constituição federal e das normas ambientais.* In: SIMPÓSIO POLÍTICA NACIONAL DO MEIO AMBIENTE E PATRIMÔNIO CULTURAL, 1º, Goiânia, 1996.

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania.* São Paulo: DPH, 1992.

DICIONÁRIO AURÉLIO. 10 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

DOWBOR, Ladislau. *A Intervenção dos Governos Locais no Processo de Desenvolvimento.* In CACCIA-BAVA, Silvio (org). *Desenvolvimento Local: Geração de Emprego e Renda.* São Paulo: POLIS, 1997.

FARIA, Luiz de Castro. *Nacionalismo, nacionalismos - dualidade e polimorfia.* À guisa de depoimento e reflexão. In: CHUVA, Márcia (Org.). *A invenção do patrimônio: continuidade e ruptura na constituição de uma política oficial de preservação no Brasil.* Rio de Janeiro: IPHAN, 1995. (Série Debates, n: 2).

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo.* Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN-MINC, 1997.

FUNARI, Pedro Paulo & PINSKY, Jaime. *Turismo e Patrimônio Cultural.* São Paulo: Contexto, 2001.

Fundação Nacional Pró-Memória. *Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória.* Brasília: MEC. SPHAN, 1980. v. 31.

GASTAL, Susana (org.). *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer.* Porto Alegre: EDPUCRS, 1998.

GROETELAARS, Martien M. *Missa e religiosidade popular: reflexões pastorais e missionárias.* Petrópolis: Vozes, 1978.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *Turismo e o resgate da cultura Pataxó.* In: BARRETO, Margarita; BANDUCCI JR, Álvaro. *Turismo e identidade local: uma visão antropológica.* Campinas: Papirus, 2001

HARVEY, David. Apud CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura - a sociedade em rede.* 2 ed.. São Paulo:Paz e Terra, 2000.

HERMET, Guy. *Cultura e desenvolvimento.* Petrópolis: Vozes, 2002.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). *Cartas Patrimoniais.*

Brasília: MinC, 1995. (Caderno de Documentos, n: 3).

JARA, Carlos Júlio. *Capital social: construindo redes de confiança e solidariedade*. Quito: NEAD, 1999.

KASHIMOTO, Emilia M; MARINHO, Marcelo; RUSSEFF, Ivan. *Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento*. In:**Interações**. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande: UCDB, v.3, n 4, set. 2002.

KAYSER, Bernard. *A cultura: uma alavanca para o desenvolvimento local*. Disponível no site [www.bdmdl.ucdb.br](http://www.bdmdl.ucdb.br), acesso em 19-10-2002, 11h.

KLICKSBERG, Bernardo. *Capital social y cultura, claves esenciales del desarrollo*. In: **Revista de la CEPAL**. 69, dez. 1999.

LAGE, Beatriz H. Gelas e MILONE, Paulo César. *Economia do turismo*. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. *Ordem local como força interna de desenvolvimento*. In:**Interações**. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande: UCDB, v.1, n1, set. 2000.

LEAL, Fernando Machado. *Restauração e conservação de monumentos brasileiros - subsídios para o seu estudo*. Recife: SEPLAN: IPHAN: UFPE, 1977.

LEMOS, Carlos A.C. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAYUMI, Lia. **Monumentos e autenticidade** - A preservação do patrimônio arquitetônico no Brasil e no Japão. São Paulo: 1999. Dissertação(Mestrado) Universidade de São Paulo.

MATOS, Eliane; KASHIMOTO, Emilia. *Manifestações religiosas, turismo e perspectivas de desenvolvimento na comunidade São Benedito - Campo Grande - MS*. In: Cesur em revista:. Rondonópolis: Centro de Ensino Superior de Rondonópolis, v 3, n 1, 2003.

MATOS, Eliane; ITO, Silvia Kazue; LOBO, Sylvia R. Vasconcelos. Monografia (Comunidade São Benedito – Tia Eva) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, 1998.

MARQUES, Heitor Romero de et alii. *Desenvolvimento Local em Mato Grosso do Sul: reflexos e perspectivas*. Campo Grande: UCDB, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

ORTIZ, Renato. *Anotações sobre Mundialização e a questão Nacional*. In: *A Sociologia no Horizonte do Séc. XXI*. São Paulo: Jinkings Editores Associados, 1997.

PENHA, Tereza da. *Clipping sobre o negro*. Projeto experimental/UFMS, s. d. (mimeo)

PELLEGRINI FILHO, Américo. *Ecologia, Cultura e Turismo*. 2 ed., Campinas: Papirus, 1997.

PEREIRA, Eurípedes Barsanulfo. *História da fundação de Campo Grande*. Campo Grande: Edição do autor, 2002.

PIERSON, Donald. *Teoria e pesquisa em sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

PINTO, Vera Tylde in: Revista MS Cultura. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, . N.º 9, 2º semestre/1996.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF - FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*:seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo:UNESP,1998.

REITZ. J . G. Etnic group survival as sociological problem in the survival of etnic groups. Toronto:MacGrwhill, 1980.

Revista GUIA TUR. (Campo Grande) Nº XII, Ano II de 1998.

RODRIGUES, Adyr Balastreri. *Turismo Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, 1997.

ROSENDALH, Zeny. *Espaço e religião*:uma abordagem geográfica. 2 ed. Rio de Janeiro: Eduery, 2002.

RÜDIGER, Francisco. *Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade*.: Adorno e a Escola de Frankfurt. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.

SENAC. DN. *Introdução a turismo e hotelaria*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1998.

SILVA, Catarina. *Turismo e meio ambiente em Cáceres*. Monografia (especialização em Análise Ambiental e Planejamento Urbano apresentada ao Departamento de Geografia) da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso,2000.

SILVA, Valdélio Santos. *O processo de construção da identidade negra em Rio das Rãs*. Disponível no site. [www.geocities.yahoo.com.br](http://www.geocities.yahoo.com.br), acesso em 10-10-2002,11h34min.

Simpósio Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural, 1º, Goiânia,1996.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. *Preservação do patrimônio cultural em cidades*. Belo Horizonte:Autêntica, 2001

SOUZA, Marcelo José Lopes de. *Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local*. In: RODRIGUES, Adyr A.B. *Turismo Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUZA JUNIOR, Vilson Caetano de. *Afro - brasileiros (as), negros mestiços, descendentes culturais, afro - descendentes ...afinal, quem somos?*. In: Cadernos do CEAS. Salvador, nº 188, julho/agosto, 2000.

SWARBROOKE, John. *Turismo sustentável: turismo cultural, ecoturismo e ética*. São Paulo: Aleph, 2000.

TELLES, Leandro Silva. *Manual do patrimônio histórico*. Porto Alegre:UCS, 1977.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. 2 ed. Campinas: Papirus, 1996.

TUAN, Yi Fu. *Geografia Humanística*. Transcrito dos Annals of the Association of American Geographers, 66: (2). Titulo do original: Humanistic Geography. Tradução Maria Helena Queiroz., 1976.

\_\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução Luzia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. *Sistema de Bibliotecas: normas para apresentação de documentos científicos*. Curitiba: UFPR, 2000. (volumes: 1, 6, 7 , 9)

VANNUCCHI, Aldo. *Cultura Brasileira: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

VERHESLST, Thierry G. *O direito à diferença: identidades culturais e desenvolvimento*. Petrópolis:Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. *As funções da cultura*. Disponível no site [www.rural-europe.aeidl.be](http://www.rural-europe.aeidl.be), acesso em 24-10-2002.

WEDER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB, 1972.

WEINGÄRTNER, Alisolete Antonia dos Santos. In: Revista Arca. Campo Grande, nº 5, outubro, 1995.

ZANONI, Vanda Alice Garcia. *A inserção do novo no existente: uma abordagem sobre a reabilitação de edificações no Casario do Porto - Corumbá - MS*. Campo Grande, 2000. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.

## APÊNDICE

### 01. Questionário utilizado na pesquisa de campo com moradores

#### PESSOAL:

1. Qual sua idade? \_\_\_\_\_ anos.

2. Quanto tempo reside na comunidade? \_\_\_\_\_ anos.

3. Sexo:

( ) masculino ( ) feminino

4. Intitula-se: ( ) negro ( ) mulato ( ) pardo ( ) branco

5. Escolaridade:

( ) Ensino fundamental - 1º grau ( ) ensino médio - 2º grau ( ) Superior

6. Naturalidade: ( ) Comunidade São Benedito ( ) Outra. \_\_\_\_\_

7. Profissão/ocupação: \_\_\_\_\_

8. Renda bruta mensal individual (R\$):

- Abaixo de 100 reais
- de 100 a 300 reais
- de 301 a 500 reais
- de 501 a 1.000 reais
- de 1.001 a 2.000 reais
- de 2.001 a 3.000 reais
- acima de 3.001 reais

#### COMUNIDADE:

9. Qual desses itens você reconhece como testemunho marcante da história da comunidade São Benedito?

- Imagem de São Benedito. Pq? \_\_\_\_\_
- Igrejinha de São Benedito e sino de bronze. Pq? \_\_\_\_\_
- Festa de São Benedito. Pq? \_\_\_\_\_

- Busto em homenagem a Tia Eva. Pq? \_\_\_\_\_
- Outro. Pq? \_\_\_\_\_

10. Destaque os aspectos da história da comunidade São Benedito:

- Em 1905, a ex - escrava chegou a Campo Grande com a pequena imagem de São Benedito;
- Tia Eva construiu a capela cumprindo a promessa que fizera para ser curada de uma chaga na perna direita;
- Tia Eva fugida da Bahia se estabelece em Campo Grande, em 1905;
- Tia Eva nasceu em 1847, na região aonde hoje encontra - se a comunidade São Benedito.

11. É descendente de Tia Eva?

## 12. O que você entende como Patrimônio Cultural?

- Manifestação cultural da elite da sociedade;
- Legado (herança) cultural a ser preservado por referenciar a memória da comunidade;
- Bem que pode levar a desapropriação e tombamento.

13. Destaque aspectos positivos e negativos das mudanças ocorridas nos últimos 05 anos.

14. A partir das mudanças elencadas no item 13, você avalia que houve desenvolvimento na comunidade? Pq? E o que espera para o futuro? \_\_\_\_\_.

15. O que a comunidade tem a mostrar ao turista que aqui chega?

- Igreja de São Benedito e Sino de Bronze
- Festa de São Benedito
- Busto de Tia Eva
- Casa residencial

- Culinária
- Lembranças da comunidade
- Outros.\_\_\_\_\_

16. O que você espera do Turismo?

- Divulgação da história local e valorização da comunidade por parte do restante da sociedade;
- Recursos financeiros;
- Melhorias na infra - estrutura (edificações, asfalto, etc.)
- Outros.\_\_\_\_\_

17. Qual sua alimentação do dia - a - dia ?

---

18. Que meios de transporte mais utiliza para se deslocar a outros locais?

- Bicicleta
- Ônibus
- Carro próprio
- Caminhando
- Outro.\_\_\_\_\_

**02. Questionário aplicado aos segmentos da Cultura, Turismo e IPHAN.**

- 1) Conhece a história da comunidade São Benedito?
- 2) Possuem documentos que comprovem a existência da ex - escrava conhecida como Tia Eva?
- 3) Na sua opinião, qual o significado da comunidade São Benedito para a cidade de Campo Grande/MS?
- 4) Na sua opinião, qual o significado da comunidade São Benedito para os visitantes que chegam a cidade de Campo Grande/MS?
- 5) Qual tipo de reivindicação que a comunidade apresenta a esse órgão?
- 6) O Poder Público auxilia de que forma a comunidade? Quais são as estratégias de preservação da Igreja de São Benedito?
- 7) Esse auxílio somente acontece no período da Festa de São Benedito em maio?
- 8) Na sua opinião o que a comunidade tem feito para preservar e manter sua manifestação cultural?
- 9) Existe divulgação da Festa de São Benedito? Qual tipo de divulgação?

**Anexo A - Planta demonstrativa da comunidade São Benedito**

**Anexo B - Documento Usucapião**

**Anexo C - Título de cidadã campo-grandense**

**Anexo D - Lei nº 3.523, de 15 de junho de 1998**

**Anexo E - Resolução/SECE de 07 de maio de 1998**